

TÁCITO BORRALHO
BENE MARTINS



TEATRO
DO **PORTO**
BRASIL

(V.2) COLETÂNEA
TEATRO DO MARANHÃO



EDLIFMA

TÁCITO BORRALHO
BENE MARTINS

TEATRO DO BRASIL

(V.2) COLETÂNEA
TEATRO DO MARANHÃO



EDLIFMA

ORGANIZADORES:
TÁCITO BORRALHO
BENE MARTINS

TEATRO DO NORTE BRASILEIRO

COLETÂNEA TEATRO DO MARANHÃO
VOLUME 2

São Luís



EDUFMA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho
Reitor

Pr. Dr. Marcos Fábio Belo Matos
Vice-Reitor



Editora da UFMA

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni
Prof. Dr. André da Silva Freires
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa
Profª. Dra. Diana Rocha da Silva
Profª. Dra. Gisélia Brito dos Santos
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowski Lavarda
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães
Profª. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues
Prof. Dr. João Batista Garcia
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas
Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO

Tácito Borralho (UFMA)
Bene Martins (UFPA)
Fernanda Areias (UFMA)
Américo Azevedo Neto (AML)
Lio Ribeiro (IFMA)
Wilson Martins (COTEATRO)

Capa: Anderson Araújo e Ruid Oliveira
Projeto Gráfico: Artêmio Macedo Costa
Diagramação: Artêmio Macedo Costa
Revisão de Textos: Max Fernando Coelho Soares
Ficha Catalográfica: Giselle Frasão

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFMA

T253 Teatro do norte brasileiro [recurso eletrônico] / organizadores, Tácito Borralho, Bene Martins. – São Luís: EDUFMA, 2022.

325 p. – (Coletânea Teatro do Maranhão; 2)

Livro eletrônico.

Vários autores.

ISBN: 978-65-5363-083-3

1. Teatro maranhense. 2. Dramaturgia - Maranhão. I. Borralho, Tácito. II. Martins, Bene. III. Título.

CDU: 792(812.1)

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

Impresso no Brasil [2022]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga | CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

COLETÂNEA

TEATRO DO MARANHÃO

VOLUME 2

CONSELHO EDITORIAL

SÉRIE *Teatro do Norte Brasileiro*

Márcio Souza (AM)
Bene Martins (PA)
Tenório Telles (AM)
João de Jesus Paes Loureiro (PA)
Nereide Santiago (AM)
Olinda Charone (PA)
Wlad Lima (PA)
Jorge Bandeira (AM)
Ananda Machado (RR)
Tácito Borralho (MA)
Romualdo Rodrigues (AP)
Roberto Ferreira (MT)

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO

Tácito Borralho (UFMA)
Bene Martins (UFPA)
Fernanda Areias (UFMA)
Américo Azevedo Neto (AML)
Lio Ribeiro (IFMA)
Wilson Martins (COTEATRO)



ANA DO MARANHÃO (1980)

LENITA ESTRELA DE SÁ

ANA DO MARANHÃO

1980

LENITA ESTRELA DE SÁ

(*Texto registrado no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional*)

(*Uma velha mucama arruma a sala de uma casa modesta. Tira uns jornais de sobre um móvel*)

RITOCA- Esta menina não arranja casório, metida a ler jornal e com mania de mandar em tudo. Xangô ilumine.

ROMENA- (Mucama jovem) Só porque ela manda nela mesma, Ritoca?

RITOCA- Inda acha pouco, negrinha? Homem nenhum se pega com isto.

ROMENA- Tenho como certo não.

RITOCA- Tão fica sem, ó: (*Gesto obsceno*) pra ver se é bom. (*Afonso entra a tempo de surpreendê- Ia*)

AFONSO- Que é isto, Ritoca? Lembrando dos tempos quentes? Onde está Ana? Quero mostrar-lhe o jornal, eles sempre avançando.

RITOCA- Ana? No sobrado dos Almeida, Seu Afonso.

AFONSO- Vou até lá. Esses portugueses não se satisfazem com o que já levaram, continuam avançando, tomando.

ROMENA- De que é que o moço fala?

RITOCA- Coisa de branco, não interessa pra negro, maranhense ou português mandando dá tudo no mesmo pra gente, que não sai de baixo. (*Afonso e Ana Jansen, jovens, entram correndo*)

AFONSO- Ia ter contigo no sobrado de Cândida.

ANA JANSEN- Voltei mais cedo. A conversa me aborrecia.

AFONSO- Mas por que, Ana, não te sentes bem entre as moças?

ANA JANSEN- Só falam asneiras, Afonso Não se interessam pelos assuntos da Província, pelo que os Conservadores estão fazendo, vivem porque nasceram.

AFONSO- (*Insatisfeito*) Mas gostas das mesmas festas ou me engano?

ANA JANSEN- Engano nenhum. Não deixo de ser mulher porque não aceito que me governem. Se não é de teu agrado, a porta da rua é fácil de se abrir. **AFONSO-** Perdoa- me, não pretendi que tomasses como ofensa.

ANA JANSEN- Não, mas ofendeu.

AFONSO- Vê, um artigo de João Lisboa: “A Terra invadida”. Ana, política não é assunto de moça.

ANA JANSEN- Deixa de ser besta!

AFONSO- Ana, Ana, não seja agressiva.

ANA JANSEN- É a minha maneira.

AFONSO- Que admiro, até certo ponto.

ANA JANSEN- “Certo ponto”?

AFONSO- Uma dama deve...

ANA JANSEN- Ser uma jumenta, é? Ora, Afonso, vai te servir num estábulo.

AFONSO- Dona Ana Joaquina Jansen, não fale neste tom, nem deste modo, do contrário, deixarei de visita-la.

ANA JANSEN- Iche, mas tem coragem!

AFONSO- Vamos, lê o artigo.

ANA JANSEN- De noite, papai pode ver.

AFONSO- E a tua coragem?

ANA JANSEN- Um dia terás a prova. Ainda entro na política, pra dirigir.

AFONSO- Política? Zombas de mim.

ANA JANSEN- Não acredita?

AFONSO- Acredito que serás uma mãe zelosa para os filhos do teu marido.

ANA JANSEN- Não é mentira que eu desejo isso, mas é pouco para meu contento. Vou ser da política, pra dirigir.

AFONSO- Não brinques. Conheces as leis?

ANA JANSEN- E é preciso? No poder, eu faço as minhas. *(Entra Romena, cansada, como se houvesse corrido)*

ROMENA- Sinh'ana ...

AFONSO- Uma carta. Confidencial?

ANAN JANSEN- Se 'tá fechada, não é pra ser vista senão pelo interessado. Vai guardar, Romena.

ROMENA- É coisa de pressa, 'nhá.

ANA JANSEN- Mandei guardar.

AFONSO- Deve ser importante.

ANA JANSEN- É, licença. *(Sai. Entra D. Rosa, sua mãe, com um bastidor às mãos)*

D. ROSA- Afonso! Como tem passado, meu filho?

AFONSO- Mal como todo pobre, D. Rosa, casaca sovada e peixe com farinha, quando os réis permitem.

D. ROSA- Reze, meu filho, reze.

AFONSO- E ajuda?

D. ROSA- Se não, faz dormir.

(Brincalhão) E quem sofre de insônia?

D. ROSA- Quem não dorme morre, meu filho.

AFONSO- Morre, D. Rosa, é morto. *(Admirando o ambiente)* Muito boa casa. D. ROSA-

Ana comprou com dinheirinho das costuras. Agora estamos mais descansados.

AFONSO- Ela é muito determinada, consegue tudo o que quer, não?

D. ROSA- Demais, demais até. Tenho medo de não encontrar rapaz para casar.

AFONSO- É, todas as moças que conheço são mais calmas.

D. ROSA- Imagine o que esta menina fez outro dia, meu filho, o pai ficou pelos cabelos: Marisinha Leal encomendou um vestido pra ir no sarau do Dr. Miranda, depois de pronto, mandou uma negra buscar a roupa, mas não mandou pagamento. Ana tinha saído e quando chegou, que soube do caso, foi logo no sobrado da moça, tomou o vestido da mão de uma negra, em cima da hora da festa, e foi abrindo o verbo: “ou tu me paga, ou tu fica dormindo”. Perdeu a freguesa, mas comprou esta casa. *(Entra Ana Jansen, apressada)*

ANA JANSEN- Vou sair, mamãe.

D. ROSA- A esta hora, menina? Toma cuidado com teu pai.

ANA JANSEN- O meni... preciso, mamãe.

D. ROSA- Ana, Afonso está aqui.

ANA JANSEN- Estou vendo. Ele fica pra janta, não vou demorar.

AFONSO- Não posso, prometi jantar com Mariquinha.

ANA JANSEN- Fica, pequeno, quero conversar contigo.

AFONSO- Está bem, sabes que me agrada.

ANA JANSEN- Então... *(Sai)*

D. ROSA- Deu pra esse mistério, não diz aonde vai.

AFONSO- É um direito dela.

D. ROSA- Uma mulher não sai sozinha de noite. Vicente fica danado.

AFONSO- Tem razão, D. Rosa, *(Entra o Cap. Vicente)*

CAP. VICENTE- Ana! Quero que ela pregue o botão da minha camisa.

D. ROSA- Saiu, Vicente.

CAP. VICENTE- O que, onde foi, Rosa?

D. ROSA- Disse não.

CAP. VICENTE- Tem cabimento, Afonso? Ana faz tudo o que acha que deve fazer.

AFONSO- A coragem é uma qualidade, Capitão.

CAP. VICENTE- É porque não é tua filha. *(Batem à porta, uma vizinha, D. Rosa vai abrir)*

D. LINDALVA- Vim só avisar que Ana saiu.

CAP. VICENTE- Pra que aviso, D. Lindalva, ela não saiu daqui?

LINDALVA- Mas tem pai que não vê as coisas, né, capitão?

D. ROSA- *(Abrindo a porta)* Muito agradecida, vizinha.

D. LINDALVA- Não foi, comadre. Amiga serve é assim. *(Sai)*

CAP. VICENTE- Estás vendo, Afonso? Esta menina não dá importância ao que os outros dizem.

AFONSO- Tem personalidade, capitão.

CAP. VICENTE- Mas deve se lembrar que não vive sozinha no mundo. *(Entra Romena)*

ROMENA- Sanh'ana já voltou, meu senhor?

CAP. VICENTE- Não, sabes de alguma coisa?

ROMENA- De nada não, meu senhor. Ela pediu pra eu passar uma roupa. (Sai) CAP. VICENTE- Nisto tem cochicho, neste tem cochicho.

D. ROSA- Ana disse que vinha logo, Vicente.

CAP. VICENTE- É bom que venha. *(Ana Jansen entra ofegante)*

D. ROSA- *(Chegando- se a ela)* Ana! Que cheiro é este de mijo?

ANA JANSEN- Mijo?

CAP. VICENTE- Que história é esta, menina?

ANA JANSEN- Passei junto de um mictório e o cheiro pegou.

D. ROSA- Tua saia está molhada.

ANA JANSEN- Passei no Ribeirão e molhei pra ver se o cheiro largava.

CAP. VICENTE- Eu sei é que não me cheira bem esta história de tu andares sozinha à noite.

ANA JANSEN- Quem tem medo de andar de noite é vagalume cego, papai.

CAP. VICENTE- Deixa- te de gracejos.

ANA JANSEN- Não é gracejo, papai, sou uma mulher.

CAP. VICENTE – Devias saber disto.

AFONSO- Ainda é cedo, capitão.

Para um homem, meu filho, para um homem. Vou até sair daqui pra não perder a paciência. *(Sai)*

D. ROSA- Vicente, não te zanga. *(Sai atrás dele)*

AFONSO- *(Brincalhão)* O mictório transbordou?

ANA JANSEN- Não te dou o direito de se meter na minha vida, dela cuido eu. AFONSO- Concordo, mas há certas coisas que estão erradas, Ana.

ANA JANSEN- Eu sei o que é errado ou certo pra mim, tenho tutano é pra isso.

AFONSO- Não quis ofender.

ANA JANSEN- Se meter na vida alheia nunca deixa de ser ofensa.

AFONSO- Lê o jornal, amanhã volto para buscar. Cuidado com teu pai, está brabo contigo.

ANA JANSEN- Não quer pra se falar em oposição aqui, ele vive dizendo amém pras senvergonheiras dos Conservadores.

AFONSO- Está velho, Ana. Boa noite. *(Sai. Entra Romena)*

ROMENA- E aí, 'nhá?

(Acaricia o seio) O bichinho 'tava esfomeado que só a peste.

ROMENA- E a caganeira, 'nhá?

ANA JANSEN- Dei um chá de canela.

ROMENA- Maria Inês tem cuidado, 'nhá?

ANA JANSEN- Com a graça de Deus e de Santa Severa. 'Tá tão pançudinho, Romena!

ROMENA- Se não fosse o defeito, 'nhá ...

ANA JANSEN- Não fala assim dele, Romena. Só por que é maneta? Se manda é com a esperteza e não com o braço. Minha santa querendo, faço dele doutor.

ROMENA- Xangô lhe atenda, 'nhá. *(Entra o Capo Vicente, flagrando a conversa)*

CAP. VICENTE- No cochicho, hem?

ANA JANSEN- Não é enredagem de namoro, papai.

CAP. VICENTE- Antes fosse.

ANA JANSEN- Não vivo pegando fogo, e fique o senhor sabendo que eu não vou ser paspalha de marido nenhum.

CAP. VICENTE- Morre solteira, pura como nasceu.

ANA JANSEN- Não lhe dou garantia. *(Ela esconde o jornal que estava lendo)*

CAP. VICENTE- Menina! E o que é isto? Política! Já não proibi, Ana? Me dá cá este folheto.

ANA JANSEN- Não, quero ler. *(Corre)*

CAP. VICENTE- *(Corre atrás dela)* Me dá, quem manda nesta casa sou eu.

ANA JANSEN- Na casa, não na minha vontade!

D. ROSA- *(Entra)* Parem com isto, olha os vizinhos.

CAP. VICENTE- Lendo jornal de oposição, Rosa!

ANA JANSEN- É o único que fala a verdade, mamãe.

CAP. VICENTE- Não quero filha minha se metendo em assunto de homem.

ANA JANSEN- A Província não tem só homem. É direito meu tomar conhecimento das coisas, não nasci burra nem doida.

D. ROSA- Não é mentira, Vicente.

ANA JANSEN- Ora, carrapato! Parece que faz questão de eu ser besta.

CAP. VICENTE- Mulher nasceu pra parir.

ANA JANSEN- Olhe aí, mamãe, lhe chamou de ratazana e a senhora não diz nada? **D.**

ROSA- Cala a boca, minha filha.

CAP. VICENTE- Respeita tua mãe. O galo é que canta mais alto.

ANA JANSEN- Mas a galinha aqui é que sustenta a casa. *(Ele sai encolerizado)*

D. ROSA- Não provoca, filha. *(Sai atrás dele. Ana Jansen volta ao jornal. Romena entra apreensiva.)*

ROMENA- Sinh'ana! Maria Inês mandou dizer pra Sinh'ana que ...

ANA JANSEN- Desembucha, Romena!

ROMENA- *(Segreda- lhe algo)* E agora, 'nhá?

ANA JANSEN- Não sei, não sei, minha Santa Severa!

ROMENA- 'Tá ruim, 'nhá, e o dono da casa botou Maria Inês pra fora, vai pra Coroatá.

ANA JANSEN- *(Impulsiva)* Vai buscar!

ROMENA- Sinh'ana...!

ANA JANSEN- Não hei de deixar meu filho morrer! Vai, é um mandado.

ROMENA- Santa Bárbara!

ANA JANSEN- Pega, leva este cesto, bota ele e mete pela janela dentro da minha rede.

ROMENA- Agora não vai poder, Sinh'ana, ela saiu e só volta na madrugada. ANA JANSEN- Saiu? E meu filho?

ROMENA- Levou junto.

ANA JANSEN- Então, amanhã de manhã. Eu quero ele. Vai deitar, papai não pode ver a gente.

ROMENA- Cedinho, eu saio, Sinh'ana. *(Ela sai. Ana Jansen chora. Entra D. Rosa)*

D. ROSA- Ana ...?

ANA JANSEN- Não é nada.

D. ROSA- Como não? Tem coisa mais difícil do que te ver assim com choro solto, menina?

ANA JANSEN- Tenho de terminar esta saia.

D. ROSA- Não disfarça. *(Fim do quadro I, Luz. Entra Afonso)*

AFONSO- Bom dia, a missa foi muito bonita. Como tem passado?

ANA JANSEN- *(Costurando)* Nem pior, nem melhor do que ruim.

D. ROSA- De repente, ficou deste jeito, Afonso.

AFONSO- O dia está quente.

ANA JANSEN- A minha cabeça também, a minha cabeça também.

D. ROSA- Menina, trata melhor as visitas.

AFONSO- Não se preocupe, D. Rosa. Já me acostumei com o gênio forte que ela tem. E o Capitão?

D. ROSA- Foi à praia grande, chega logo. *(Ana Jansen se impacienta. Entra D. Lindalva)*

D. LINDALVA- Licença, comadre?

D. ROSA- O que é, D. Lindalva?

D. LINDALVA- Vim só avisar: a negra Romena saiu se escondendo, de manhã cedo, com um cesto muito esquisito na mão, comadre.

ANA JANSEN- E é da tua conta, sirigaita?

D. LINDALVA- Iche!

ANA JANSEN- Vá cuidar da sua vida, ande. *(D. Lindalva sai indignada)*

D. ROSA- Santa Efigênia! Hoje é dia de azeite, vou cozinhar minha jaçanã. *(Sai)* AFONSO- Não passas bem, Ana.

ANA JANSEN- Pobreza afoga a gente.

AFONSO- Conforma- te.

ANA JANSEN- Pra nunca deixar de ser pobre? Cansei de alinhar pras ricas.

AFONSO- É a nossa sorte.

ANA JANSEN- A sorte se faz.

AFONSO- *(Olhando em volta)* D. Cinderela ainda acha que será rainha, rainha do Maranhão?

ANA JANSEN- Tu é que não vai passar de caixeiro de português larápio, seu amo.

AFONSO- Não me ofendas. Mandam no Brasil os que têm dinheiro, não temos, somos

mandados, acho mesmo que vou morrer empregado de armazém, não se pode brigar contra os fatos.

ANA JANSEN- Te ajeita, homem, te ajeita. Ganha quem é esperto.

AFONSO- És mulher, não vais longe, não deixam.

ANA JANSEN- Vou é com a cabeça, não com isto. (Indica a região pubiana, embaraçando Afonso)

AFONSO- Ana ...! (*Entra o Capo Vicente*)

CAP. VICENTE- Passado bem, Afonso?

AFONSO- Cumprindo o destino. Bom domingo, capitão, estava saindo.

CAP. VICENTE- Ora, rapaz, almoças aqui. Rosa, traz um refresco de jacama para o futuro genro! (*Afonso embaraça-se*) Como vais no trabalho, meu filho? **AFONSO**- Juntando uns réis, capitão.

CAP. VICENTE- Agrada- me seres honesto.

AFONSO- O que não é condição para fazer fortuna. (*Riem*)

CAP. VICENTE- Ana, chega- te para cá.

ANA JANSEN- Tou ocupada, papai.

CAP. VICENTE- Não se trabalha em dia de descanso, menina.

ANA JANSEN- E quando se precisa, não se descansa no trabalho.

AFONSO- Tem pensamento progressista, Capitão. (*Entra D. Rosa, dá-lhe a refresco*)

D. ROSA- Toma, Afonso, fiz agorinha. (*O Capitão chama- a de lado*)

CAP. VICENTE- Não dá atenção de namorada a ele. Rosa. Que é que se faz?

D. ROSA- Deixa, Vicente. Ela é difícil, mas vai terminar cedendo como todas as moças, ter filhos, obedecer ao marido. Que mais uma mulher pode desejar? Espera.

CAP. VICENTE- Deus te ouça, que esta menina é danada. Eta, cansaço grande. O, Romena, me traz uma água!

ANA JANSEN- Saiu, foi me comprar umas linhas.

CAP. VICENTE- Armazém não abre domingo.

ANA JANSEN- O que? Ah, sim, não abre, né? Mas ela foi buscar foi no sobrado de D. Dadá Serra Lobo, que até me convidou pra ir numa festa.

CAP. VICENTE- Festa onde, hem?

ANA JANSEN- Na fazenda do pai, em Belém do Pará, quero sua permissão. (*O Capitão olha Afonso com embaraço*)

D. ROSA- Deixa ela ir, é convite de D. Dadá Serra Lobo, família de nobreza. (*Entra Romena, sobressaltada*)

CAP. VICENTE- Cadê as linhas, Romena?

ROMENA - Li... linha, meu senhor?

ANA JANSEN- Não teve, não é, Romena? D. Dadá não estava?

ROMENA- Não, 'tava não, 'nhá. (*Trocam olhares cúmplices, Romena sai*)

CAP. VICENTE- Hum, aí tem cochicho. (*Entra D. Lindalva, exultante*)

D. LINDALVA- Dá licença, comadre? Ah, Capitão! Vim só dar notícia. Ela deve saber o que é.

ANA JANSEN- Vai cuidar da tua vida, fuxiqueira enlameada.

D. LINDALVA- Enlameada, é, minha donzela? Eu não, o pai dos meus meninos saiu da igreja e todo o mundo sabe quem é.

CAP. VICENTE- A senhora quer me explicar o que está acontecendo?

D. LINDALVA- É que tem muito desregramento desta saliente de que o senhor não anda a par, Capitão.

ANA JANSEN- Vai insultar a tua mãe, sua enxerida. *(Tenta agredi-la)*

D. LINDALVA- O senhor sabe o que a negra trouxe no cesto, Capitão? Uma criança. Eu vi a coisinha bulindo lá dentro. É seu neto, D. Rosa. *(Ela e Ana Jansen engalfinham-se. Afonso aparta-as)* Vocês 'tão vendo os peito dela como 'tão redondo? Deve tá dando mama. *(Ana Jansen a esbofeteia)*

ANA JANSEN- Agora vocês já sabem. Não vou jogar ele fora não.

CAP. VICENTE- Era a tragédia que nos faltava. *(Avança par abater-lhe. Afonso o impede. D. Rosa chora)*

AFONSO- Acalme-se, Capitão, é sua filha.

CAP. VICENTE- Isso eu não tenho mais. *(Luz apagada indicando transcurso do tempo. alterada a disposição dos móveis. Ana Jansen está costurando. Afonso entra)*

AFONSO- Dá-me licença?

ANA JANSEN- É tua. Por que tomou sumiço?

AFONSO- Refazendo-me do choque.

ANA JANSEN- Quem sentiu a dor de parir foi eu e tu é que vai ter choque? *(Ri)* **AFONSO-** Que pretendes fazer?

ANA JANSEN- Criar Manoel.

AFONSO- *(Pega-lhe o pulso com força)* Vou me casar contigo.

ANA JANSEN *(Rindo)* Iche, quem te disse que eu quero, hem?

AFONSO- As circunstâncias não te permitem recusar.

ANA JANSEN- E por que, bondoso caixeiro? O que faço só interessa pra mim. *(Ouve-se o choro do menino)* Ô, Romena, vê ele aí!

AFONSO- Isto é o que imaginas. Para a sociedade não passas de uma. . . *(Ela o esbofeteia)*

ANA JANSEN- Canalha! *(Entram D. Rosa e o Capitão)*

D. ROSA- O que é isto?

ANA JANSEN- Veio aqui me ofender.

AFONSO- Não foi minha intenção. Vim pedir-lhe para que se case comigo. **ANA**

JANSEN- Mentiroso! Veio dizer que ia casar comigo, sem pedir minha opinião, como se eu não valesse nada. Marido de favor eu não quero, nem preciso.

D. ROSA- Minha filha, o menino precisa de um pai.

ANA JANSEN- Se ele não tivesse pai, não podia nascer.

D. ROSA- Ana, entende.

ANA JANSEN- Izidoro quer casar comigo. Gosto dele, me quer como sou.

D. ROSA- O Coronel!?! *(Contém- se por causa de Afonso)*

ANA JANSEN- É aquele que conheci na festa de D. Dadá.

D. ROSA- Santa Efigênia! Ele ... sabe?

ANA JANSEN- E por que eu havia de esconder? Aceitou Manoel, vai ser batizado na igreja de N. Sra. da Vitória.

AFONSO- Rainha. Encontrou o molenga certo.

ANA JANSEN- Molenga, molenga é tua mãe, seu pobrezão, que nem força teve pra fazer um filho melhor do que tu.

AFONSO- Refreie a língua, futura majestade. *(Sai)*

ANA JANSEN- Fora daqui. Pois te mostro como vou mandar no Maranhão.

(Fim do Quadro II)

(O tempo passa. Palco no escuro. Voz comentando: “O domínio de Dona Ana Jansen estava presente em tudo. Nada se fazia sem a palavra de ordem do sobrado. Dia e noite, ferviam ali dentro as tricas políticas e os enredos privados da terra.” Alteração no cenário: colocam- se móveis mais estilizados, ilustrativos da nova condição social adquirida por Ana Jansen, que se transforma numa rica senhora. Ela conversa com o marido.)

CEL. IZIDORO- Não, vai me custar uma fortuna. É obrigação da Presidência da Província.

ANA JANSEN- E Presidência de Província dá bola pra obrigação, Izidoro? Ah, nem se espoletam. Pobre se entrega pros ossos e o dinheiro imperial some sem dizer “passe bem”.

CEL. IZIDORO- Não é mentira, nunca cuidam do principal.

ANA JANSEN- Hum, pra que? Principal é boi pastando no próprio curral.

CEL. IZIDORO- Não posso fazer essa doação.

ANA JANSEN- Mas eu quero. Iche, homem, que tanta sovinaria! Pois, então, vendo as jóias que tu me deu e arranjo o que é preciso.

CEL. IZIDORO- Ana, deixa de capricho.

ANA JANSEN- Capricho, uma conversa.

CEL. IZIDORO- E não é? Só porque tiveste um filho ilegítimo exposto em casa alheia queres remediar o mal passo de tudo o quanto é mulher?

ANA JANSEN- Olha aqui, Izidoro, tu me respeita, não me casei contigo pra ficar escutando deboche. Tive meu filho, mas arrependimento ainda não.

CEL. IZIDORO- Não quis te ferir.

ANA JANSEN- Nem podia, tu é faca?

CEL. IZIDORO- Uma roda de enjeitados...

ANA JANSEN- As pessoas é que enjeitam eles. Além do mais, esses meninos, daqui a uns

dez anos, podem até ser eleitor. Se a gente não cuidar deles, eles não vão ter força de cabeça nem pra dar o voto.

CEL. IZIDORO- Ana, Ana, pensas em tudo, hem?

ANA JANSEN- Tudinho da Silva- aganhá, aqui no tutano. Mas o que eu tenho mesmo é uma pena danada, Izidoro. Quando eu vejo um pequeno- magro- velho daqueles, me dá uma vontade de pegar, mudar pano, dar leite de peito pra eles, que Santa Severa até me espia. *(Aproximam- se. Entra Artemísio, o feitor, trazendo um negro amarrado)*

ARTEMÍSIO- Coronel, ele arrombou a cerca de Itamaracá pra tirar um bezerro. A gente pegou ele já esfolando o bicho, o que se faz?

CEL. IZIDORO- Espera. Como te chamas, negro?

ESCRAVO I- Libério, meu senhor Coronel.

ARTEMÍSIO- É negro, forro, Coronel, saiu faz uns dias da cadeia de Alcântara. **CEL. IZIDORO-** Por que foste preso?

ARTEMÍSIO - *(Desfalecendo)* Depois que eu ganhei a... liberdade... meu senhor, parece que tornou foi pior... porque eu quis ser livre e não pude, serviço não encontrei um que Deus me mostrasse. . . aí eu roubei pra comer e me prenderam ... quando eu saí daquele inferno, a fome me botou pra roubar de novo, e foi seu bezerro, meu senhor Coronel

ANA JANSEN- Viu, Izidoro? Sorte de negro forro é obrigação da Presidência da Província, e eles lá cuidam disso? Manda soltar o negro, 'tá esbandalhadinho.

CEL. IZIDORO- Manda embora, Artemísio.

ARTEMÍSIO- Coronel ...

ANA JANSEN- Anda, vai cumprir a ordem do teu patrão e quando passar na cozinha dá um prato de angu pra esse negro.

ARTEMÍSIO- Sim, senhora, Donana. *(Saem)*

ANA JANSEN- Coisa ruim, passar fome.

CEL. IZIDORO- Mando construir a roda de enjeitados.

ANA JANSEN- Fico agradecida, Izidoro.

CEL. IZIDORO- Vem cá, gostas de mim?

ANA JANSEN- Tu não é salgado, nem podre. Vou espiar meu doce de macaxeira. *(Sai. Retoma Artemísio)*

CEL. IZIDORO- O que aconteceu agora, Artemísio?

ARTEMÍSIO - Notícia preta, Coronel.

CEL. IZIDORO- Fala logo, homem.

ARTEMÍSIO- O Coronel está preparado?

CEL. IZIDORO- Ora, vai falando.

ARTEMÍSIO- Chegou um negro de Itamaracá pra dizer que deu praga no algodão.

CEL. IZIDORO- O que!?

ARTEMÍSIO- Pois é, Coronel, ele disse que tem uma porção de folha roída.

CEL. IZIDORO- RO- Santa Seve ... meu Deus! E os compradores do Pará, Artemísio? Estão esperando metade da safra.

ARTEMÍSIO- Eu acho que não tem mais jeito, Coronel. Só no ano que vem.

CEL. IZIDORO- Que prejuízo. Ana! Vem cá, Ana! *(Volta mexendo a massa do bolo)* O que foi, homem?

CEL. IZIDORO- Lavoura perdida, deu lagarta.

ANA JANSEN- Santa Severa! Não tem remédio, Artemísio?

ARTEMÍSIO- Parece que nenhum não, Donana.

ANA JANSEN- Iche, que rico também se aperta! Espera, Izidoro, não tem algodão estocado no Rio das Bicas?

CEL. IZIDORO- Tem, mas muito velho, deve estar quase tudo estragado, faz muito tempo que as sacas estão lá.

ANA JANSEN- Isso não tem importância, Izidoro, dinheiro não se perde, sobrou uns pés, não sobrou?

ARTEMÍSIO- Não foi tudo comido não.

ANA JANSEN- Manda colher.

ARTEMÍSIO- Não vai adiantar, Donana.

CEL. IZIDORO- Que pretendes fazer, Ana?

ANA JANSEN- Misturar, Izidoro, misturar.

CEL. IZIDORO- E se eles perceberem?

ANA JANSEN - Aí já foi pago e é tarde.

CEL. IZIDORO- Nasceu pra negócio.

Se eu tivesse te encontrado antes, meus contos de réis estariam multiplicados.

ANA JANSEN- Deixa com meu tutano.

CEL. IZIDORO- Manda colher, Artemísio. Vou olhar a fazenda, Ana. *(Saem)*

ANA JANSEN- É bom. Cuidado com Manoel Ribeiro.

CEL. IZIDORO- Aquele pamonha não vai fazer nada.

ANA JANSEN- Hum, pamonha é que faz safadeza segura. *(Altera a disposição dos móveis, tira uma peça do vestido, é outro dia. D. Rosa entra)*

D. ROSA- Minha filha, obedece a teu marido.

ANA JANSEN- Obedecer, cadê respeito, mamãe? Quem só obedece pega no costume e depois não sabe fazer outra coisa.

D. ROSA- E tu acha que isto vai melhorar?

ANA JANSEN- Não é só ele que tem vontades, sou gente, também tenho.

D. ROSA- Filha, mulher é como escravo, regala o dono e ainda trabalha de graça, sai tudo muito barato.

ANA JANSEN- É hora de se cobrar. Casou sabendo de meu gênio e gosta de mim, certeza eu tenho. Agora, fica se fazendo de dono da minha vida? Iche, que isto não se acaba de forma mimosa, não sou criança. Ele que não se assanhe.

D. ROSA- Deixa de ser doida, Ana.

ANA JANSEN- Chamam logo de doido quem quer ser dono de sua vida.

D. ROSA- És mulher dele, menina.

ANA JANSEN- Mulher, mulher, não cadela, minha santa Severinha que me perdoe. **D.**

ROSA- Anda pensando que santo esquece sem- vergonhice?

ANA JANSEN- E não é verdade? Mulher que não tem palavra é cadela de marido, sim senhora.

D. ROSA- Vens me dizer que não gosta de deitar com ele?

ANA JANSEN- Gosto, mas não basta.

D. ROSA- Não sei o que queres mais.

ANA JANSEN- Olhe aqui: o meu nariz, sem isso ninguém vive, estrebucha com falta de ar. *(Choro de criança)* Vê meu filho aí, Romena!

D. ROSA- Ainda mais este menino.

ANA JANSEN- Que tem ele, mamãe? Sei de urna porção de falatório com meu nome, não têm é coragem de fazer o que eu fiz. Manoel é lindo, não fico longe dele por nada no mundo, quero uma cambulhada de filho.

D. ROSA- Pelo menos, pra mãe tu tem vocação *(Entra Izidro)*

- O que aconteceu pra te deixar com essa cara?

D. ROSA- Não te mete, Ana.

CEL. IZIDORO- O cachorro do Ribeiro escreveu para a gente do Pará, não sei se a carta chega depois de mandarem o dinheiro.

ANA JANSEN- Eu te avisei. Um escândalo pode te fazer mal na política.

CEL. IZIDORO- O que faço?

ANA JANSEN- Uma surra nesse conservador de merda. *(Fim do Quadro II. A ação desloca-se para a tipografia, um dos compartimentos do plano superior)* **CÂNDIDO MENDES-** Encontrei o título do artigo, Sotero! M, M, M: mandonismo de mulher no Maranhão. Depois que o marido faleceu, pôs as unhas de fora. A paulada vai ser boa.

SOTERO DOS REIS- E oportuno. Os bem- te- vis se dividem e ela continua firme, mandando pelo prazer de mandar. Uma situação inadmissível, onde se acham os sensatos desta Província?

CÂNDIDO MENDES- De baixo da saia dela.

- Lá não me encontras. Aguardemos o efeito de teu artigo.

SOTERO DOS REIS- O Comendador Meireles há de gostar, os conservadores estão periclitando.

SOTERO DOS REIS- Ela e o Meireles estranharam- se por causa de uma quitação de contas.

CÂNDIDO MENDES- E tu por que brigaste? Querias mais bolo de macaxeira?

SOTERO DOS REIS- Não repitas o gracejo, que eu te arreberto. Sou um intelectual, um homem de letras, compromissado com a justiça e a honradez, não aceito que me façam de

boneco. Vivo, estarei em oposição àquela caninana.

CÂNDIDO MENDES-O meio é corrupto.

SOTERO DOS REIS- O meio, eu não.

CÂNDIDO MENDES - Muito bonito de se ouvir.

SOTERO DOS REIS- Eu não me deixei enlamear, saí em tempo.

CÂNDIDO MENDES-Proeza admirável.

SOTERO DOS REIS- Muitos perdem a vergonha e jogam a culpa em cima da “sobrevivência”.

CÂNDIDO MENDES-Nunca te sentiste tentado? Não ganhas tão bem no magistério.

SOTERO DOS REIS- Não admito insultos.

CÂNDIDO- Não estou te insultando. Nestes tempos, ser passível de corrupção parece ser uma característica humana.

SOTERO DOS REIS- É um raciocínio extremamente repulsivo. Aonde queres chegar?

CÂNDIDO MENDES- Ao fundo do teu idealismo.

SOTERO DOS REIS- Mereces um soco. *(Entra Cascais, a tempo de ouvi-lo)*

CASCAIS- Ora, o que está acontecendo? Não quero animosidades em minha tipografia.

SOTERO DOS REIS- Ofendeu- me a dignidade.

CÂNDIDO MENDES- Desculpa- me, só queria ver se eras mesmo dos nossos, desculpa-me.

SOTERO DOS REIS- Não tornes a fazer insinuações deste gênero.

CASCAIS- Acalma- te, Sotero. Soube que Ana Jansen vai enviar mais homens para Icatu.

SOTERO DOS REIS- É uma cobra, quer agradar ao Imperador.

CÂNDIDO- Este é outro, vive em Petrópolis se refestelando e nós aqui sujeitos a tudo.

SOTERO DOS REIS - Só a República nos salvará, acabará com os abusos que testemunhamos.

CASCAIS- Quem nos afiança que acabarão? Não sonhes tanto, meu caro humanista. É confortável ser poderoso, quem tem o poder não quer largar.

CÂNDIDO MENDES-É uma verdade que atravessa os tempos.

SOTERO DOS REIS- E a resistência dos Balaiois?

CASCAIS- Vêm perdendo terreno, já é pouca a munição.

CÂNDIDO MENDES-Más notícias.

SOTERO DOS REIS- O filhinho dela vai bem no comando?

CASCAIS- Izidoro? Dizem que perdeu o revólver num combate, perto de Caxias. *(Riem. Entra um escravo correndo)*

ESCRAVO II- Seu Cascais, meu senhor, Pedro II mandou um batalhão de reforço.

CÂNDIDO MENDES-Deve ter sido carta dos Jansen.

SOTERO DOS REIS- Quando chegarão, Ubaldo?

ESCRAVO II- Vi eles desembarcando no Desterro. Diz- se que eles vem comandado pelo Cel. Luís Alves de Lima e Silva.

CASCAIS- Alves de Lima e Silva? É o fim da Balaiada.

SOTERO DOS REIS- Sufocada a revolta, aumentará junto ao povo o prestígio de Ana Jansen. Vou escrever atacando- a.

CASCAIS- Vamos ver, Cândido. (*Saem. A ação desloca- se para o plano inferior. Casa de Ana Jansen*)

ANA JANSEN- (*Jornal à mão*) Cachorros de uma figa, filhos de uma... pública! Izidoro, vem cá, menino!

IZIDORO- (*Fardado*) O que foi, mamãe?

ANA JANSEN- Ainda não leu esta fedentina? Sotero dos Reis, aquele cretino.

IZIDORO- É uma provocação. Se Manuel estivesse aqui, não se conteria.

ANA JANSEN- É melhor ele ficar na Europa, longe dessa sujeira. O escrito é um desaforo, acabo com a laia dele.

IZIDORO- Mamãe, sei que não tenho autoridade para lhe dar conselhos, mas seja prudente, estes patifes têm um jornal circulando pela cidade.

ANA JANSEN- Nós também temos um. O Guajajara vai responder à altura. Dizem aqui que eu tenho mania de poder. Que uso os meios mais baixos pra conseguir o que quero e não perder a influência política. Dizem até que eu não tenho escrúpulo, o que é isso, hem?

IZIDORO- Coisa de oposição. Não ligue.

ANA JANSEN- É, mas o povo liga. Sotero dos Reis me paga, o dia dele chegar.

IZIDORO- Sou de opinião que deveríamos ensiná-lo a nos respeitar, uma boa sova no lombo é sempre eficaz como mordança.

ANA JANSEN- Não, passada a dor, ele esquece logo.

IZIDORO- O quê?

ANA JANSEN- Deixa de abelhudice, tu vai ver o negócio acontecendo.

IZIDORO- Os cabanos devem ter gostado.

ANA JANSEN- Não te preocupa, tu vai ser deputado, as eleições são de Donana Jansen, o Maranhão é de Donana Jansen. Mas precisamos dar jeito nesses bandidos de jornal que querem nos desmoralizar.

IZIDORO- Surra, mamãe. Não tem um que espere o pau.

ANA JANSEN- Aí é que está, cacete às vezes dá muito na vista, o povo se zanga não vota na gente. É preciso trazer João Antônio de Miranda para o nosso lado.

IZIDORO- Presidente da Província, seria o ideal.

ANA JANSEN- Sotero vive de quê?

IZIDORO- Ensina latim no Liceu.

ANA JANSEN- Pois então que vá latir longe de nós. Vai, vai ficar amigo de Luís Alves de Lima e Silva, quero ele pra padrinho de Anastácio, é bom ter compadre na Corte, pertinho do Imperador.

IZIDORO- Um título de nobreza?

ANA JANSEN- Qualquer precisão. (*Entra Romena, mais envelhecida*)

ROMENA- Sinh'ana, tem um homem com uma escrava querendo falar com Sinh'ana.

ANA JANSEN- Manda entrar, Romena. *(Entram o feitor e a escrava)*

FEITOR- Dá licença, senhora Donana. D. Rita Castanheira de Melo manda oferecer esta mulata, a senhora faz o preço. O que D. Rita deseja é vende-la a V. Sá.

ANA JANSEN- *(A Izidoro)* Minha fama de caninana 'tá espalhada. Vem cá, rapariga. por que o choro?

ES CRAVA I- Porque...vou ficar longe da minha irmã.

ANA JANSEN- Só por isso?

ES CRAVA I- É, minha senhora.

ANA JANSEN- Queres me servir? Tens gosto em ser minha escrava?

ES CRAVA I- Tenho sim... minha senhora.

ANA JANSEN- Está bem, minha mulata. Artemísio vem cá! *(Ele entra)*

ARTEMÍSIO- Pronto, Donana.

ANA JANSEN- Busca o escrivão Maia, aí apegado.

IZIDORO- Quanto custa a escrava?

FEITOR- Tem bons dentes, é parideira, vale uns 600\$000, mas pra Donana Jansen fica por 400\$000, ou menos. D. Rita faz questão é que ela fique aqui.

IZIDORO- Então, mamãe, vendê-la à senhora é um castigo.

ANA JANSEN- Isto se resolve já. *(Entra o escrivão)*

ES CRIVÃO- Bom dia, Donana.

ANA JANSEN- Bom dia, sente. Me passe o escrito de venda desta mulher.

ES CRIVÃO- Pois não, Donana. Tenho comigo os papéis necessários. Quanto ela custa?

ANA JANSEN- Seiscentos réis.

ES CRIVÃO- Aqui está.

ANA JANSEN- Agora passe a carta de alforria. *(Entrega o dinheiro ao feitor)* Vá e diga à sua patroa que ela é pior do que eu, ela é que é canina. Diz também que a escrava que ela queria castigar acabou de ser alforria da, é livre, escutou direito?

FEITOR- Sim, senhora. *(Sai)*

ES CRAVA I- *(Ajoelhada)* Minha senhora, Xangô lhe dê fortuna, Santa Bárbara lhe guarde.

ANA JANSEN- Vai, minha mulata, já tens a liberdade, e quando te disserem que Donana Jansen é má, diz que não é tanto assim. *(A escrava sai)*

IZIDORO- Diplomático. Mamãe, não interfiro em suas decisões, mas eu queria lhe falar ...

ANA JANSEN- O que é, Izidoro?

IZIDORO- É... é sobre Elídio.

ANA JANSEN- Ordem minha é pra ser cumprida.

IZIDORO- É apenas um menino engraçado mãe.

ANA JANSEN- E desobediente, o que digo é pra ser feito e respeitado.

IZIDORO- Mamãe, ele só quis ser agradável.

ANA JANSEN- Não teima, Izidoro. “Tá andando vestido como merece, pela palhaçada que fez, não tinha nada de se, manifestar na minha ausência.

IZIDORO- Ele quis ‘Somente fazer um discurso, mamãe. Era meu aniversário. **ANA**

JANSEN- Estás muito teimoso, Izidoro, vai cuidar de tuas obrigações. Diz pra Artemísio ficar de prontidão, Sotero dos Reis não pode ficar sem uma liçãozinha, ele e o cretino do Cândido Mendes.

IZIDORO- Está bem, perdoe- me. *(Sai)*

ANA JANSEN- Amélia, vem cá, menina!

(Ela entra) **AMÉLIA-** Pronto, titia.

ANA JANSEN- Conheces João Antônio de Miranda?

AMÉLIA- Só de conversa com minhas amigas.

ANA JANSEN- Deves saber que é solteiro.

AMÉLIA- É o assunto de todas as moças de São Luís.

ANA JANSEN- Dou um jeito de vocês encontrarem. *(Aspira o ar, aflige-se)* Santa Severa! Ô, Romena, vê aí o meu doce de macaxeira!

ROMENA- *(Lá de dentro)* Queimou não, Sinh’ana!

ANA JANSEN- Cadê Elídio?

AMÉLIA- Está brincando com os negrinhos no quintal.

ANA JANSEN- Chama ele aqui. *(Amélia chega-se a uma das laterais do palco)*

AMÉLIA- Elídio, tua avó quer falar contigo, anda depressa! *(Ouve-se o som de guizos, Ele entra correndo, metido num fofão estampado)*

ELÍDIO - Pronto, vovó.

ANA JANSEN- Tem te aplicado no estudo? Não quero saber de reclamação.

ELÍDIO - Tenho sim, vovó.

ANA JANSEN- Muito bem, porque se tu tiver outro comportamento, sujo, além do fofão, mando raspar tua cabeça.

ELÍDIO - Entendi, vovó.

ANA JANSEN- Pode ir. *(Ele sai)* Amélia, vais te casar com o Miranda.

AMÉLIA- Nem o conheço ainda, titia ...

ANA JANSEN- Tu vai conhecer quando for mulher dele, os Bem-te-vis precisam do teu casamento. *(Sai)*

AMÉLIA- São capazes de tudo para segurar o poder. *(Sai. Ação na tipografia. Entra Sotero dos Reis)*

SOTERO DOS REIS- Tem-se que viver com. a mente e a boca fechada, Cascais.

CASCAIS- O que aconteceu, homem?

SOTERO DOS REIS - O diabo do árbitro funcionando.

CASCAIS - Ana Jansen?

SOTERO DOS REIS- E quem mais poderia ser? Fui demitido do Liceu, extinguiram a

cadeira de Latim, como matéria dispensável a quem nasce no Brasil.

CASCAIS- É o cúmulo do mandonismo, não se tem direito a discordar?

SOTERO DOS REIS- É a lei dos impérios.

CASCAIS- Abominável.

SOTERO DOS REIS- A mando dela, Rafael de Carvalho apresentou o projeto de reforma do Liceu na Assembleia Provincial, depois assinado pelo Miranda, agora parente da caninana.

CASCAIS- Não se pode negar a astúcia que ela tem.

SOTERO DOS REIS- Nem que vivemos em terra de acomodados calculistas, tomam qualquer posição que lhes garanta benesses financeiras. *(Entra Cândido Mendes)*

CÂNDIDO MENDES- Como estão as lides oposicionistas? –

SOTERO DOS REIS- Oh, Cândido, meu caro, o obscurantismo quer cegar a verdade na minha boca.

CASCAIS- É no escuro que se deve gritar.

CÂNDIDO MENDES- Qual a última arbitrariedade de “Donana”?

SOTERO DOS REIS- Não se ensina mais Latim no Liceu Maranhense.

CÂNDIDO MENDES- Que absurdo!

SOTERO DOS REIS- Pois é, mas adianta repetir? Só pela ação, meu caro, terá fim o domínio despótico desta mulher.

CÂNDIDO MENDES- E o povo não acorda.

CASCAIS- Hum, parece ter sono infinito. Fala- se, fala- se, tudo continua no mesmo, ela sempre mandando.

SOTERO DOS REIS- Ouvi dizer que Raimundo Teixeira Mendes tem projetos de instalar uma companhia de águas. Duvido que isto prospere, ela há de dar um jeito de continuar abastecendo a cidade inteira com aquelas pipas.

CÂNDIDO MENDES- Tu não podes calar, Sotero, sob pena de endossar a ditadura jansenista. *(Entra um escravozinho)*

ESCRAVO III- Licença, meu branco. Quem é seu Surterro aqui?

CASCAIS- Ei- lo.

SOTERO DOS REIS- Quem é teu dono?

ESCRAVO II- Sou escravo de Donana Janse.

CASCAIS- Aguenta- te, homem.

SOTERO DOS REIS- Que recado trazes, moleque?

ESCRAVO III- Minha senhora mandou ordem pra meu branco ir lá em casa. *(Sotero o carrega, gargalhando)*

SOTERO DOS REIS- Ouviram, companheiro? Deve impor que eu deixe São Luís. Ordem...

CÂNDIDO- Comporta- te, cacete no lombo dói.

CASCAIS- Bolo de macaxeira tenta muitos estômagos.

SOTERO DOS REIS- Não o meu, o dinheiro dela não me dobra.

CÂNDIDO MENDES-Se não insido em equívoco, já escutei isto do insigne João Lisboa, que agora defende os Jansen pelos jornais.

SOTERO DOS REIS- Não atendo por tal nome. É mais político seres honesto só com os amigos, do contrário, os oportunistas espalham de imediato que tens é despeito da literatura dele.

SOTERO DOS REIS- Tenho consciência do meu talento de escritor. Moleque, diz à tua senhora que irei. *(Surge na platéia um grupo de negros aguadeiros, portando pipas nos ombros)*

GRUPO- Água, minha branca, água fresquinha, fresquinha, da fonte de Donana Jansen! Vinte réis a caneca! *(Oferecem ao público. Cândido Mendes e Cascais passam na platéia)*

CÂNDIDO- Ganha dinheiro de todos os jeitos. A Companhia há de ser instalada. *(Ação na Casa de Ana Jansen. Entra Izidoro. Plano inferior do palco)* **ANA JANSEN**- Mandei chamar o velhaco.

IZIDORO- Virá?

ANA JANSEN- Quem não vem a meu chamado nesta terra, Izidoro?

IZIDORO- Só os falecidos, mamãe.

ANA JANSEN- E a Balaida, o que tem feito Lima e Silva?

IZIDORO- Falta pouco para vencermos, o que, talvez, renda ao Coronel um título de Barão, Barão de Caxias.

ANA JANSEN- Corajoso como é, chega a Duque sem demora.

IZIDORO - Acho que também vou aproveitar a revolta para subir.

ANA JANSEN- Isso mesmo. Tu acha que eu não vou ter um filho deputado? Nem que a gente tenha que esburacar a terra pra tirar voto. *(Elídio passa correndo, vestido de fofão, brincando com um escravozinho)* Elídio! *(Os dois se estatficam, o escravozinho se urina)* Já parar com esta correria. Não me suja o assoalho, Maneco, pra cozinha. *(Saem)* Coitado, se mijou todo, o pretinho.

IZIDORO- Não é só ele que se mija na frente da senhora, todos têm medo.

ANA JANSEN- Mas não tenho o coração ruim, meu filho, Deus me fez com este gênio e Santa Severa me conhece. Tenho que segurar o que eu consegui, não é?

IZIDORO- Claro, mamãe, quem puder comer que não seja comida. O mucura está demorando.

ANA JANSEN- Ele vem, só quer é me danar mais, o Meireles deve estar pagando bem.

IZIDORO- Pode ser, mas penso que Sotero dos Reis não seja tão fácil de se subornar a dinheiro.

ANA JANSEN- Qual dos faladores não se sossega com uns contos de réis, Izidoro? E se não quiser, se força a pau. *(Entra Romena)* O que aconteceu com o meu bolo, Romena? Não deixa aquela negrinha nova se descuidar.

ROMENA- Deixo não, Sinh'ana, tá secando. Tem um homem aí, quer falar com Sinh'ana.

ANA JANSEN- Manda entrar. *(Entra Sotero dos Reis)*

SOTERO DOS REIS- O que a senhora deseja?

ANA JANSEN- Senta primeiro, não gosto de afobação.

SOTERO DOS REIS- Não disponho de muito tempo.

ANA JANSEN- Não lhe perguntei.

SOTERO DOS REIS- Então seja direta e poupe-me de seus gracejos desconsolados.

IZIDORO- Mais respeito.

SOTERO DOS REIS- Deve começar por quem pede.

ANA JANSEN- Te acalma, que saliência me deixa danada. Tu vais ou não parar de me insultar por aquele jornaleco imundo?

SOTERO DOS REIS- A verdade mudou de nome?

ANA JANSEN- Quinze contos, com pena de ti ainda.

IZIDORO- O Meireles não pagará melhor.

SOTERO DOS REIS- Comprem mais cacetistas.

ANA JANSEN- Sendo assim, te prepara, vou fazer a tua vontade. *(Ele sai)*

IZIDORO- Patife.

ANA JANSEN- E burro. Quem tem tutano lá perde chance de ficar rico? *(Entra Romena)*

ROMENA- Licença, Sinh'ana. D. Cândida Almeida está de visita.

ANA JANSEN- Diz pra entrar, Romena. Se bem que a hora não é tão mimosa. *(Cândida entra)*

CÂNDIDA- Como tens passado, Ana?

ANA JANSEN- Brigando, como sempre. Senta, preciso mesmo conversar contigo.

CÂNDIDA- Vim por motivo idêntico. E tu, Izidoro, quando voltas a combate?

IZIDORO- Na próxima semana. Tenho de ver quando partiremos. Portanto, boa tarde. *(Sai)*

ANA JANSEN- O safado não aceitou o dinheiro.

CÂNDIDA- Aplica um dos teus remédios anti-inimigos, não podes deixar arruinarem a posição que conquistastes nesta Província.

ANA JANSEN- O que é dele está guardado, Santa Severa me ilumine. E a tua casa como vai?

CÂNDIDA - Eusébio não diminui a arrogância.

ANA JANSEN- E tu aceita, criatura? *(Cândida choraminga)*

CÂNDIDA- Que posso fazer?

ANA JANSEN- Não aceitar, ora.

CÂNDIDA- Ele é muito prepotente. Outro dia, só porque pedi uma joia, saiu-se com a maior indelicadeza.

ANA JANSEN- Por isto é que toda a minha vida tive minhas próprias moedas, pra não aguentar patada.

CÂNDIDA- Eu me iludi, pensei que só o casamento me completaria. Mas que outro

caminho têm as mulheres?

ANA JANSEN- Elas é que não procuram outros, Cândida, vivem com medo de enfrentar a vida, os perigos que depois que se vence faz a gente se sentir forte.

CÂNDIDA- Tens razão. *(Chora no ombro de Ana Jansen)* Como te invejo, Ana! **ANA JANSEN-** Ah, o que é isto, siá? Hoje de noite, vocês fazem o entendimento.

CÂNDIDA - *(Choro convulso)* Trata- me tão mal que agora dei pra ter nojo.

ANA JANSEN- Nojo? Santa Severa!

CÂNDIDA- Às vezes, se deita ao meu lado cheirando a senzala.

ANA JANSEN- Minha Santa! Iche, comigo, eu capava.

CÂNDIDA- O pior é que gosto dele, o sofrimento aumenta.

ANA JANSEN- Gostas de Eusébio, correto, é teu homem. Mas e de ti mesma, não gosta não? Toma uma atitude, Cândida.

CÂNDIDA- Na verdade, é do que preciso, quando ele quiser vou me negar, não fui criada em estrebaria para dormir com cavalo.

ANA JANSEN- É só não dar alfafa até ele te respeitar como deve. *(Riem)* A gente tem de se impor em tudo.

CÂNDIDA- É a razão de causares despeito a tantos.

ANA JANSEN- Eu sei, que torçam o rabo, porque eu sou dona de mim, graças a Deus. Antônio me entende. Sei também que me casando de novo não saí das bocas maldosas desta ilha de São Luís. Mas sou mulher de topar qualquer situação.

CÂNDIDA- Para onde foi Antônio?

ANA JANSEN- Itamaracá, melhorar de saúde. ‘Tô com uma saudade do meu velho que me pelo. *(Entra Romena)*

ROMENA- Sinh’ana ...

ANA JANSEN- O que aconteceu, Romena?

ROMENA- Sinh’ana... juro por Santa Barbra, não foi de mal ...

ANA JANSEN- Vai dizer logo? Quer me ver verde raiva.

ROMENA- Sinh’ana, queimou ...

ANA JANSEN- O que, criatura?

ROMENA- O... bolo de macaxeira.

ANA JANSEN- Vou te dar um castigo. *(A escrava se assusta)* Deixa de ser besta, romena, e vai tomar um copo d’água *(Ela sai)*

CÂNDIDA- Está escurecendo, é hora de ir. Vou seguir o teu conselho. Ah, a “Baronesa de Grajaú” vive com inveja de ti.

ANA JANSEN- É porque não tem Barão que mande na minha vida. *(Cândida sai. Mudança de luz, madrugada. Ouve- se rumor de carruagem passando, surgem encapuzados na platéia)*

ENCAPUZADO I- Frederico, passa o ouro.

ENCAPUZADO II- Ninguém na rua, Piter?

ENCAPUZADO III- Não, pode vir. Cuidado com os diamantes, dão bom preço em Londres. Enriquecer nunca foi tão fácil.

ANA JANSEN- Carruagem de madrugada? Esquisito. *(Ação em outro compartimento do plano superior, casa do Comendador Meireles)*

MEIRELES- O Partido Conservador precisa se reabilitar!

CONFRADE I- O que se pode fazer?

MEIRELES- Ainda não tenho resposta, o essencial é que estejamos dispostos à luta, à vitória por quaisquer meios, sem correntes éticas ou morais, afinal tratamos de política.

CONFRADE I- Mas a ascensão dos Bem- te- vis parece irreversível.

MEIRELES- Irreversível é porcaria do intestino depois de saída. *(Risos)*

CONFRADE I- Nossa situação não é tão simples, Comendador. Correm boatos de que Franco de Sá virá para a Presidência e os dois são ligados.

MEIRELES- Não creio que aceitará o bolo de macaxeira, não se deixará dominar por ela.

CONFRADE I- O que é imprevisível. Ponderei que seria mais estratégico minar o prestígio que ela tem junto ao povo, o que já conseguimos em boa parte.

CONFRADE I- A fama de perversa está espalhada. Minha filha perguntou-me se Ana Jansen come gente.

MEIRELES- Que disseste à pequena?

CONFRADE I- Que era o destino das cobras.

CONFRADE II- E se revolvêssemos o passado dela. o caso que teve com o Desembargador Vieira de Melo, do qual lhe provieram quatro filhos naturais? **MEIRELES**- Ideia brilhante e a Baronesa de Grajaú poderia também se interessar, poupemos os trunfos maiores, o bombardeio deve ser gradual.

CONFRADE I- Se a Companhia de Águas for instalada, será um passo para acabar com os monopólios da matrona. *(Passa uma escrava com um penico)*

MEIRELES- O que é isto, negra?

ES CRAVA II- Mandado de minha senhora, meu senhor.

MEIRELES- Pois diz à tua senhora que não te mande mais atravessar minhas reumoes com penicos de mijo, penicos... penicos, companheiros!

CONFRADE II- Que relação tem com a nossa campanha, Meireles?

MEIRELES- Vou fazer a cidade inteira mijar na cara da “Raíinha do Maranhão”! *(Ação na tipografia)*

SOTERO DOS REIS- Quis-me fazer de palhaço.

CASCAIS- Macaxeira?

SOTERO DO REIS- Como era esperado, quinze contos por minha cumplicidade.

CASCAIS- Quinze!? Quando oferecem muito é porque não é mentira que se diz.

SOTERO DOS REIS- Enoja- me tanto desrespeito, pensam que compram a dignidade alheia. **CASCAIS**- Ela não se conformará com a tua recusa.

SOTERO DOS REIS- Eu sei que estou sozinho no perigo, ela manda em tudo.

CASCAIS- Não me ofendas, sou teu amigo, correligionário, por nada deixarei de te apoiar. As pressões, nós as sofreremos juntos.

SOTERO DOS REIS- Então, orgulho-me de merecer a estima de uma raridade. *(Risos)*

CASCAIS- Tens visto o Cândido Mendes?

SOTERO DOS REIS- Não, deve estar preparando os seus libelos contra o mandonismo.

CASCAIS- Ainda está com as costelas inteiras?

SOTERO DOS REIS- Suponho que sim, exposto como nós. *(Entra Ribeirinho, proprietário do sobrado onde funciona a tipografia. Arruma as cadeiras, afasta os papéis.)*

CASCAIS- O que é isto, Ribeirinho?

SOTERO DOS REIS- Não desorganiza nosso trabalho, homem.

RIBEIRINHO- Pode entrar, senhora. *(Entra Ana Jansen, acompanhada de Artemísio e dois homens)* Como vê, é um sobrado espaçoso, há vários quartos no segundo andar.

ANA JANSEN- Sem estes bagulhos deve parecer melhor.

RIBEIRINHO- Faço um preço razoável, senhora.

CASCAIS- Que estás fazendo? Nós te pagamos o aluguel no prazo certo.

RIBEIRINHO- Preciso viver, vocês pagam muito pouco.

SOTERO DOS REIS- Diz quanto queres, precisamos da sala.

RIBEIRINHO- Mil e trezentos réis.

CASCAIS- É uma exorbitância, esta ratoeira não vale a metade.

ANA JANSEN- Pago dois mil e seiscentos. *(Sobre Ribeirinho)* Pústula! segura ele, Artemísio.

RIBEIRINHO- Está alugado à senhora, Donana.

ANA JANSEN- Quero por seis meses, o senhor pode ficar descansando em Itamaracá, conforme lhe prometi.

CASCAIS- Filho da puta!

ANA JANSEN- Cala ele, Artemísio.

CASCAIS- Um dia, a sua arrogância acaba.

ANA JANSEN- É mais fácil tu te acabar primeiro. Tem cuidado comigo, não demoro muito pra tomar raiva de gente petulante.

SOTERO DOS REIS- Somos homens de vergonha, não nos dobraremos ao seu arbítrio.

ANA JANSEN- Disto eu duvido, a única coisa que eu não dobro é ferro.

SOTERO DOS REIS- E Francisco Sotero dos Reis.

CASCAIS- E Antônio Cascais.

ANA JANSEN- Vocês não aguentam uma cacetada. E vamos parar com isto, já tá me dando irritação.

RIBEIRINHO- Têm que deixar o sobrado.

ANA JANSEN- De noitinha, quero tudo vazio. *(Saem)*

CASCAIS- E agora?

SOTERO DOS REIS- Não podemos deixar de circular, mais do que nunca é hora de denúncia.

CASCAIS- Que estará tramando o Meireles? Anda muito quieto.

SOTERO DOS REIS- Penso que é chegado o momento de nos unirmos contra o inimigo comum. *(Entra Cândido Mendes)*

CÂNDIDO MENDES- Bom dia. O que aconteceu para tanta indignação?

SOTERO DOS REIS- Fomos despejados desta pocilga.

CASCAIS- A “Rainha” alugou o prédio, estamos sem espaço para funcionar contra ela.

CÂNDIDO MENDES- Mulher venenosa. Não sei quem a mandou se meter em política, deveria ter passado a vida bordando e cozinhando para não nos incomodar.

CASCAIS- E os Conservadores?

Sem muitas chances nas eleições, o poder da matrona talvez leve Izidoro Jansen à cadeira de deputado.

SOTERO DOS REIS- Não podemos nos descuidar do processo eleitoral.

CASCAIS- Devemos estar atentos às falcatruas, que sem dúvida ocorrerão. **CÂNDIDO MENDES-** Indubitavelmente, os jansenistas farão tudo para vencer.

CASCAIS- Para onde transportaremos este material, Sotero?

SOTERO DOS REIS- Não tenho lugar, ela sabe, não sairei, o povo será testemunha.

CÂNDIDO MENDES- Vão te deixar apanhando sozinho.

SOTERO DOS REIS- Não poderão esbagaçar minha consciência.

CÂNDIDO MENDES- Leiam, é o artigo de amanhã.

SOTERO DOS REIS- Tu a chamas de imoral, “carente de comportamento digno de uma senhora de bem, quatro filhos espúrios”.

CASCAIS- Vai estrebuchar de raiva.

CÂNDIDO MENDES- Agora ela fica mais calma, vai nos temer.

CASCAIS- Do jeito que é, acho muito otimismo se pensar em apavorá-la.

CÂNDIDO MENDES- Ora, homem, com esta eu me vou. *(Sai. Mudança de luz, anoitece)*

CASCAIS- Esperemos. *(Entram Artemísio e seus homens, derrubando móveis, rasgando papéis)*

SOTERO DOS REIS- O que significa isto?

ARTEMÍSIO- Donana mandou dizer que está fazendo o que o senhor aconselhou que ela fizesse com os quinze contos. *(Ação na casa de Ana Jansen Entra Izidoro)*

IZIDORO- Mamãe, a senhora leu a infâmia que o Cão Mendes escreveu?

ANA JANSEN- Ele não tinha o direito de botar o meu particular na boca do povo, mas também não é mentira que tive filhos do Desembargador.

IZIDORO- Perdoe-me, entretanto as senhoras da sociedade devem estar comentando.

ANA JANSEN- Não se pode apagar o que ele estampou no jornal, se pode?

IZIDORO- Já foi lido por São Luís inteira.

ANA JANSEN- Pois bem. Não sou mulher de me arrepender do que faço com gosto, com a cabeça no lugar, por querer meu.

IZIDORO- Não quis dizer que foi in consequência sua, mamãe.

ANA JANSEN- Parece. Tu sabe que eu não me chego com atrevimento, gostava dele e foi bom pra mim. O resto não é da conta de ninguém, só da minha.

IZIDORO- Estão jogando muito baixo.

ANA JANSEN- Surpresa não é. Acho que contigo conseguiram o intento deles. **IZIDORO-** Comigo?

ANA JANSEN- Fazer medo.

IZIDORO- Não sei.

ANA JANSEN- Não acredito que eu tenha parido filho burro, Izidoro.

IZIDORO- Estas invencionices me deixaram irritado.

ANA JANSEN- Começa brigando por dentro de ti, não é invenção nenhuma. ‘Tão querendo que a gente se amue.

IZIDORO- Meus irmãos, o nome da família.

ANA JANSEN- Opinião de filho não me interessa, tudinho sujou a minha saia de merda e a cara de vocês não me faz vergonha. ‘Tá tudo com a vida arrumada, mas tu, que vive comigo, tem de ter a casca grossa pra aguentar a briga.

IZIDORO- E nossos eleitores?

ANA JANSEN- Vão votar na gente.

IZIDORO- Não sei, despejaram um balde de lama em nossa campanha.

ANA JANSEN- Deixa de ser besta, lama é essa moral mentirosa. A vida é minha. Não sei porque mulher é tão vigiada, vocês têm quantas querem e ninguém usa isso de perseguição.

IZIDORO- Homem é homem, mulher deve ter um comportamento condigno.

ANA JANSEN- Não fala comigo de maneira assim, quero respeito, cala a boca ou te mando um tabefe em riba da venta.

IZIDORO- Perdoe-me.

Manda chamar Artemísio;

IZIDORO- Geolindo, chama Artemísio cá dentro! *(Ele entra com um cacete)* Licença, Donana. *(Gesto violento com a arma)* É pra ...?

ANA JANSEN- Deixa moído. E diz bem no ouvido dele que Ana Jansen não deve satisfação pra bastardo nenhum.

IZIDORO- Haverá ópera no Teatro São Luís, deve ir.

ANA JANSEN- Então bate nele na frente de todo mundo, ninguém me faz medo.

ARTEMÍSIO- A gente ensina ele, Donana.

ANA JANSEN- Capricho na lição, pode ir.

IZIDORO- Não poupa o lombo dele, Artemísio, *(Artemísio sai)*

ANA JANSEN- E tu trata de botar um olho em cima de Franco de Sá, ‘tou meio desconfiada dessa tal de Liga Maranhense que ele vive falando.

IZIDORO- Estarei alerta aos acontecimentos. Com a sua licença. *(Entram senhoras para uma reunião na casa da Baronesa de Grajaú, pode-se aproveitar o cenário da casa de Ana Jansen)*

BARONESA DE GRAJAÚ- Não podemos interromper a novena, é um desrespeito esta demora.

SENHORA I- Os imorais não podem se comportar de outra maneira.

SENHORA II- Sabe- se lá se crê em Deus!

BARONESA DE GRAJAÚ- Quer neutralizar nosso repúdio com demonstrações de força, dando surras.

SENHORA I- Por mim, não a aceitaríamos mais entre nós.

SENHORA II- É, na realidade, uma afronta às nossas famílias.

BARONESA DE GRAJAÚ- Nunca considerarei sadio o convívio com ela.

SENHORA II- Os modos grosseiros com que se comporta me causam náuseas.

SENHORA II- Também, não teve educação, uma costureira.

BARONESA- Vive querendo fazer coisas de homem, para ela o ridículo não existe. *(Cândida entra a tempo de ouvi-la)*

CÂNDIDA- Ridículo é a pasmaceira tediosa a que nos condenaram.

SENHORA I- Não sei a que te referes, Cândida, não há nada de tedioso em nos comportarmos como mulheres.

CÂNDIDA- Como mulheres, não. Porém, nem isso fazemos, ou vocês pensam que nós só nascemos para ter filhos e vim ver embrutecidas pela ignorância? Não podemos viver experiências mais enriquecedoras como seres humanos? Ser mulher vai muito além da procriação.

BARONESA DE GRAJAÚ- É o fim para o qual fomos criadas.

CÂNDIDA- Então, Baronesa, a senhora se considera igual a uma vaca que nada faz senão parir bezerros? Não podemos nos contentar com tal destino.

BARONESA- Não admito esta ofensa. Se não tens alegrias conjugais a culpa não é nossa.

CÂNDIDA- E qual de nós as tem verdadeiramente, senhora Baronesa de Grajaú? Qual de nós nunca foi obrigada a deitar- se com um marido exalando catanga de negra? Diga- me, Ana é uma mulher admirável, dona de si mesma.

SENHORA I- Acho bom começarmos a rezar.

Esperemos pela Rainha do Maranhão.

BARONESA DE GRAJAÚ- Não exageremos.

SENHORA II- Concordo com a Baronesa. Para mim, Ana Jansen continua sendo uma ... *(Ana Jansen entra)*

ANA JANSEN- Não pude chegar mais cedo, estive resolvendo um negócio em Itamaracá. Mas, se não me engano, quando vinha entrando, ouvi meu nome por aí.

CÂNDIDA- É a maledicência invejosa, Ana.

Não sei do que teríamos inveja, somos todas muito bem casadas e nossas famílias honestas.

ANA JANSEN- Será, minha Baroa? Abra o bugalho.

CÂNDIDA- Os Barões, geralmente, têm muitas servas.

BARONESA DE GRAJAÚ- Exijo respeito.

CÂNDIDA- Nenhuma de nós o merece mais dó que Ana.

BARONESA DE GRAJAÚ- Deves dinheiro a ela?

ANA JANSEN- Santa Severa!

CÂNDIDA- Devo admiração.

ANA JANSEN- A Dona Baroinha anda precisando de preocupação séria, isto é, falta do que fazer.

BARONESA- Veja como me trata, sou a Baronesa de Grajaú.

ANA JANSEN- Hum, grande coisa!

SENHORA - Vamos... vamos começar as orações, é melhor.

ANA JANSEN- Cala a boca, alcoviteira.

BARONESA- Ninguém aqui lhe deve obediência.

ANA JANSEN- Não? Quem empresta dinheiro prosmarido de vocês? Não quero enxerimento na minha vida.

BARONESA- Não é motivo para sermos humilhadas por uma pessoa de sua espécie, *(Aplica-lhe um tapa)*, Não me irrita sirigaita. *(Deslocamento da ação para a casa de Meireles)*

MEIRELES- Soube da surra no Cândido Mendes.

CONFRADE I- O mais revoltante é que nem estes atos de vandalismo público a enfraquecem. Todos são cúmplices.

MEIRELES- Mandei preparar uma encomenda na Europa, é uma surpresa.

CONFRADE I- O importante é que a desmoralize perante os eleitores.

MEIRELES- O que, sem dúvida, acontecerá.

CONFRADE I- É inacreditável como perdemos o domínio político na Província.

MEIRELES- Não sejamos tão pessimistas, é só um período de hibernação. Temos de trabalhar para derrubá-la.

CONFRADE I- Que tal se espalharmos novamente que está se viciando escravos?

MEIRELES- Ora, ninguém importa com negros e da primeira vez não surtiu o efeito desejado. Aguarda a minha encomenda, deve chegara qualquer momento. A cidade rirá de Ana Jansen.

CONFRADE I- Ah, Comendador Ontem escutei rumor de carruagem descendo a ladeira de Santo Antônio, lá pela meia noite, e vi homens encapuzados que a conduziam. Achei estranho.

MEIRELES- Contrabando. Ingleses. Eu também os vi, descobriram um tesouro enterrado, ainda do tempo dos jesuítas. Aproveitam a noite para embarcar as pedras. Não os denunciarei, tenho planos melhores para nós Conservadores.

CONFRADE I- Planos?

MEIRELES- Há povo mais supersticioso do que o nosso? Pois bem, poderíamos usar'

essas cavalgadas noturnas contra a “Rainha”.

CONFRADE I- Como assim, Comendador? Os eleitores são pessoas instruídas, não acreditarão.

MEIRELES- Ora, quem não acredita em encantados nesta ilha envolta em lendas? A negralhada se amedronta, passa à gatinha e daí a pouco todos estão vendo assombração. Os cavalos também são encapuzados, de longe tem-se a impressão de que só têm corpo.

CONFRADE I- Inventaremos que Ana Jansen, pelas maldades que faz, incorpora, como castigo, nas noites de quinta pra sexta, o encantado da mula- sem- cabeça! **MEIRELES-** Mula! Ninguém mais sairá!

CONFRADE I- Muito menos nossos votos para as umas jansenistas! *(Entra a escrava- II)*

ES CRAVA II- Meu senhor, um homem vieram entregar esse bilhete.

MEIRELES- Vamos ao Portinho. Chegaram os meus penicos! Ah, matrona! *(Saem. Aproveitando o mesmo cenário, entram dois homens)*

FRANCO DE SÁ- Serei nomeado Presidente, por intermédio do Dias Leme, o que importa é chegar ao governo da Província.

CHEFE DA GUARDA- Proporás aos Jansen a Liga Maranhense?

FRANCO DE SÁ- Sim, preciso da coalizão entre Conservadores e Bem-te-vis, ou melhor, quero amarrar o Meireles e Ana Jansen em minhas mãos.

CHEFE DA GUARDA- Ana Jansen?

FRANCO DE SÁ- Sim, por que te espantas? Com um pouco de mestria não será difícil. Unamo-nos pelo Maranhão!

CHEFE DA GUARDA- Aquela mulher é uma piaba, Franco.

FRANCO DE SÁ- Qual nada, vencê-la-ei. Elegendo o candidato do Dias Leme, tenho garantida uma cadeira no Senado.

CHEFE DA GUARDA- O que? Nesse caso, Izidoro Jansen será excluído da chapa?

FRANCO DE SÁ- Exatamente.

CHEFE DA GUARDA- És muito matreiro.

FRANCO DE SÁ- Atributo dos bons políticos. *(Risos)*

CHEFE DA GUARDA- Desejo- te êxito, Donana não é de brincadeira. *(Tropel de cavalos)* O que é isto?

FRANCO DE SÁ- Estou desconfiado, a esta hora nem galo procura galinha. Mas tenho a impressão de ser contrabando, assim que conseguir provas, ataco a administração atual. *(Entra correndo encapuzado)* O que significa Tal invasão?

ENCAPUZADO- Por favor, mister.

CHEFE DA GUARDA- Não acoitamos bandidos.

ENCAPUZADO- Por favor, mister. Tem gente na rua, não posso sair agora.

FRANCO DE SÁ- Minha casa não é refúgio de contrabandista, sou um homem de respeito, uma autoridade.

ENCAPUZADO- Olhe, tome para o senhor, mister. É um dos maiores diamantes que eu

já peguei.

FRANCO DE SÁ- *(Ao outro)* Santa Bárbara! Deve valer uma fortuna.

CHEFE DA GUARDA- Cuidado, és um político, se te descobrem, te achincalham a moral pública.

FRANCO DE SÁ- *(Ao encapuzado)* Deixe de ser insolente.

ENCAPUZADO- Tenho outros, posso dar mais, mister.

FRANCO DE SÁ- Fora daqui. Simão, Cordulino, Zé da Munheca! *(Entram os escravos)* Ponham este homem na rua.

ENCAPUZADO- Tenho mais, mister. *(Confusão, deixa cair algumas pedras. Os escravos o arrastam)*

CHEFE DA GUARDA- Os condutores do povo têm de preservar a honradez.

FRANCO DE SÁ- *(Tira um diamante do bolso)* Pois é, cada imposição ridícula! *(Deslocamento de ação para a casa de Ana Jansen, uma mucana arruma os móveis. Ana Jansen entra)*

ANA JANSEN- Simiana, me dá aqui o jornal. Que bicho te mordeu? Anda cá, estou te chamando.

ES CRAVA III- Sim, Sinh'ana.

ANA JANSEN- Te pedi o jornal, não ouviu?

ES CRAVA III- Sim, Sinh'ana ...

ANA JANSEN- Traz, 'tá pensando que eu vou te comer?

ES CRAVA III- Não... não... Sinh'ana.

ANA JANSEN- Arre, que isto já está me dando raiva. *(Entra Izidoro)*

IZIDORO- o que foi, mamãe?

ANA JANSEN- A danada desta negra que parece 'tá com medo de mim.

IZIDORO- O que tens, Simiana?

ES CRAVA III- Nada ... nada não ... meu senhor Coronel Izidoro.

ANA JANSEN- Como nada? Cadê o jornal? Ô, Romena! *(Romena entra)*

ROMENA- Pronto, Sinh'ana.

ANA JANSEN- O que está acontecendo?

ROMENA- Fala, menina.

ES CRAVA III- Nada não, Sinh'ana.

ANA JANSEN- Santa Severa!

IZIDORO- Apressa logo a explicação, é para o teu bem.

ROMENA- Cuida, menina.

ES CRAVA III- 'Tão... 'tão dizendo na senzala que Sinh'ana, minha senhora, anda virando mula. *(Chora)*

ANA JANSEN- Mula ...!?

ROMENA- É maluqueira de preto, Sinh'ana.

IZIDORO- Aí tem dedo daqueles cachorros, mamãe.

ANA JANSEN- Só faltava essa. Quem começou dizendo?

ESCRAVA III- Foi um velho branco que se meteu no meio dos negro e convenceu até Tinoco- preto- velho.

ANA JANSEN- Filho de uma... lá da égua que pariu! coisa daquele porco Meireles, Comendador de merda.

ESCRAVA III- Disse que Sinh'ana vira mula- sem- cabeça de quinta pra sexta e sai puxando carruagem de madrugada.

ROMENA- Eu disse pra eles que era mentira, Sinh'ana.

ANA JANSEN- Santa Severa!

IZIDORO- Eu os pego.

ANA JANSEN- Reúne os homens e manda cair de pedra na casa dele. Carruagem ...

IZIDORO- É mais uma das palhaçadas. Isto só se acaba com surra.

ANA JANSEN- Que eu tenho encantado é, mas eu escutei essa tal carruagem passar, acho que é contrabando.

IZIDORO- A gente os espera no Campo de Ourique, passagem obrigatória.

ANA JANSEN- Numa noite de quinta pra sexta.

IZIDORO- Nós quebramos a cabeça da mula, *(Sai. Entra a escrava- III)* ESCRAVA III- Licença, Sinh'ana. Um moço quer falar.

ANA JANSEN- Chega perto de mim, negra maluca. Fica nesta palhaçada que mando te descer o chicote.

ESCRAVA III- Perdoe a negra, Sinh'ana minha senhora.

ANA JANSEN Anda, diz pra entrar. *(Entra Afonso, envelhecido)*

AFONSO- Com a sua licença. *(Ela não o reconhece imediatamente)*

ANA JANSEN- Quem é o senhor?

AFONSO- Ora, a sonhadora costureira não se lembra de mim?

ANA JANSEN- Não. E me respeite, se não quiser levar uns murros já, já.

AFONSO- És muito imperiosa, um dia caís.

ANA JANSEN- Cala a boca, velho besta. Artemísio, vem cá!

AFONSO- Chama os teus capangas, majestade.

ANA JANSEN- Cala a tua boca, velho. A paciência 'tá até grande! *(Entra Artemísio, segura-o)*

AFONSO- O poder desfigura tudo, mas eu não mudei como tu, Ana, eu continuo caixeiro, eu continuo Afonso.

ANA JANSEN- Afonso ...!?

AFONSO- Eu mesmo e vim te dizer que te odeio.

ANA JANSEN- O que foi que eu te fiz, leseira?

AFONSO- Eu não queria aceitar que te adorava, esse teu jeito de homem era um incômodo quando te comparava às outras moças.

ANA JANSEN- Jeito de homem quem tem é a tua mãe. Mulher só é mulher se for lesma?

Deixa de idiotice.

AFONSO- Sirvo aos Conservadores e tudo farei para o teu declínio.

ANA JANSEN- Bota na rua, Artemísio.

AFONSO- Teu reinado acaba, majestade. *(Saem)*

ANA JANSEN- Depois de ti, doido. Afonso, que mudança! E o safado tem raiva de mim! Iche! Santa Severa. *(Entra Elídio e um escravozinho)* Já parar com esta correria. Pará o teu quarto menino.

ELÍDIO - Perdoe- me, vovó, mas quando vou tirar o fofão?

ANA JANSEN- Só por causa da tua pergunta, tu vais ficar mais dois meses com ele, quando eu der uma ordem não reclama. *(Saem. Entra Romena)*

ROMENA- Sinh'ana, Dona Cândida tá aí.

ANA JANSEN Abre a porta, Romena, *(Cândida entra)*

CÂNDIDA- Pela tua cara, estás irritada.

ANA JANSEN- Hum, depois te conto, senta.

CÂNDIDA- Lamento ter vindo te trazer novas contrariedades.

ANA JANSEN - Conta, a vida me fez rija.

CÂNDIDA- A Baronesa ...

ANA JANSEN- O que essa sirigaita quer comigo agora?

CÂNDIDA- Doou, em auxílio, uma pequena fortuna ao cofre de N^a Sra. dos Remédios e só faltou impor ao vigário a tua ausência das missas, sob pena de suspender qualquer colaboração.

ANA JANSEN- Ela 'tá é besta de toda.

CÂNDIDA- Concordo. Avisei- a de que iria apenas perder dinheiro.

ANA JANSEN- Quanto ela deu?

CÂNDIDA- Três contos de réis.

ANA JANSEN- Pois vou mandar seis. *(Dirige- se ao cofre)* Artemísio, anda aqui! *(Ele entra)*

ARTEMÍSIO- Pronto, Donana.

ANA JANSEN- Leva este envelope ao vigário, diz pra ele que não demoro. *(Ele sai)* Romena, presta atenção na macaxeira! Depois resolvo os outros problemas. Vamos pra matriz, Cândida, assistir à missa que acabo de mandar rezar. *(Saem. Deslocamento de ação para a tipografia. Entra Cândido Mendes, o corpo cheio de curativos)*

CASCAIS- Oh, Cândido, que desarranjo! Não quiseste calar a boca ...

CÂNDIDO MENDES-Aquela caninana, é um absurdo.

SOTERO DOS REIS- A violência é a única resposta que têm.

CÂNDIDO MENDES-Onde está a inteligência da terra, a integridade moral de um homem que compactua com tal situação?

CASCAIS- Integridade num tempo destes? que anda difícil!

SOTERO DOS REIS- Está fora de uso, Cândido.

CASCAIS - E a lei de salve- se quem forças tiver, ela monopoliza tudo.

CÂNDIDO MENDES-Vocês vão desistir?

SOTERO- A imprensa é imparcial e honrada. não podemos nos intimidar.

CÂNDIDO MENDES-Cacete dói, o jornalismo limpo está virando masoquismo. *(Risos)*

CASCAIS- Em breve, estarás pronto para outra.

SOTERO DOS REIS- E Franco de Sá o que está maquinando?

CÂNDIDO- Fundar a Liga Maranhense, dar o nó em todos.

CASCAIS- Amarrar Ana Jansen ...?

SOTERO DOS REIS- Será interessante acompanhar os passos dele. E o Meireles?

CÂNDIDO MENDES-Esse, não creio que se reabilite. A situação é dos Bem-te-vis, é da caninana.

CASCAIS- Mas fará qualquer coisa que abale o prestígio dela. O negro Felisberto veio me perguntar se ela se encanta na mula-sem-cabeça, deve ser invenção do Meireles.

SOTERO DOS REIS- Mula? Esta é engraçada. Ela deve estar fervendo.

CÂNDIDO- Ótimo! Vou atizar a superstição pelo jornal.

CASCAIS- É capaz de mandar tocar fogo em todos os terreiros negros do Maranhão.
(Entra um escravo)

ES CRAVO I- Licença, meus branco, sou preto do Comendador Meireles.

SOTERO DOS REIS- Que deseja o teu senhor?

Mandou entregar encomenda pra meus branco.

CASCAIS- Do que se trata?

ES CRAVO IV- É da conta do preto não, meu branco.

CÂNDIDO MENDES-Deixa aí, pode voltar a teu senhor e garantir que recebemos.

SOTERO DOS REIS - Que pode ser, hem?

CASCAIS- Estou curioso, vou abrir. O que é isto?

CÂNDIDO MENDES-Penicos ...!?

SOTERO DOS REIS- Desenrola, Cascais.

CASCAIS- No fundo... a cara de Ana Jansen!

CÂNDIDO MENDES-Magnífico! Dá-me aqui um. Idéia fenomenal do Meireles!

SOTERO DOS REIS- Inacreditável. Porcelana, fabricação Inglesa. Ela vai estourar de raiva.

CÂNDIDO MENDES-Agora eu mijo na venta dela! *(Mudança de luz. Plano inferior. Entram Izidoro, Artemísio e alguns homens armados)*

ARTEMÍSIO- A gente espera aqui, Coronel?

IZIDORO- Escondam- se bem, devem passar no meio do campo.

ARTEMÍSIO- É pra matar, Coronel?

IZIDORO- Dependendo da reação, não queremos nos envolver muito, as eleições se aproximam.

ARTEMÍSIO- Surra-não-se-mete-mais, Coronel?

IZIDORO- Das caprichadas.

ARTEMÍSIO- Pode deixar, Coronel, o chicote tá doído na minha mão.

IZIDORO- Espalhem- se. *(Descem até a platéia, mexem com o público)*

HOMEM I- Eta, galho seco senvergonho!

HOMEM II- Bota atenção na traseira, cuidado com cobra assim no escuro, sô! *(Silêncio. Tropel de cavalos. Entram três encapuzados)*

ENCAPUZADO- Devagar, Piter, sinto coisa esquisita por aqui.

IZIDORO- Em cima deles!

ARTEMÍSIO- Tudo pegado, Coronel.

IZIDORO- Tira o capuz. Mula-sem-cabeça ...seus bastardos!

ENCAPUZADO- Não foi invenção nossa não, mister. O senhor não quer um diamantezinho?

IZIDORO- Deixa de imundície, cachorro.

ENCAPUZADO- Ora, o que tem contrabando, mister? É a coisa mais fácil de se fazer aqui. Tome um, nos deixe passar.

IZIDORO- Me dá. Lapada neles, Artemísio. *(Saem. Mudança de luz. Casa de Ana Jansen. Correligionários em conversa com Izidoro)*

CORRELIGIONÁRIO I- Nada nos afetará.

CORRELIGIONÁRIO II- É mais um acesso de loucura do Comendador Meireles.

IZIDORO- Não se brinca com Ana Joaquina Jansen Pereira.

CORRELIGIONÁRIO II- O senhor há de ser eleito, Coronel.

CORRELIGIONÁRIO I- Mas aqueles desaforados continuam nos bombardeando pelo jornaleco sórdido que editam.

CORRELIGIONÁRIO II- Precisamos fazê-las parar. No fundo, têm é vontade de ser chamados para o nosso lado.

IZIDORO- Um dinheiro graúdo e se calam, estranho é que o mucura do Sotero dos Reis não tenha aceito o que lhe oferecemos.

CORRELIGIONÁRIO I- Simulam honestidade para valerem mais.

CORRELIGIONÁRIO II- Coronel, desculpe-me, porém, essa história de mula- sem-cabeça não foi nada insignificante, a gatinha da cidade está toda amedrontada.

IZIDORO- Sabemos, mamãe mandou chamar o Cão Mendes a fim de propor qual, quer acordo. O ranço dessa invencionice ainda vai perdurar.

CORRELIGIONÁRIO I- O tempo logo o apagará, Donana é imbatível. *(Entra Ana Jansen, beijam-lhe as mãos)*

ANA JANSEN- Estava terminando o terço pra Santa Severa.

CORRELIGIONÁRIO II- Acabamos de chegar, Donana.

CORRELIGIONÁRIO I - Estávamos comentando o instante que vivemos.

ANA JANSEN- Iche, cruz- credo; fede mais dó que rede de preto.

IZIDORO- Mamãe, acho que devemos tratar da “Liga Maranhense”.

ANA JANSEN- “Devemos”?

IZIDORO- Perdoe- me, quero dizer: acho melhor.

ANA JANSEN- Hum.

CORRELIGIONÁRIO I- Donana, permita-me propor que não depositemos confiança demais em Franco de Sá.

CORRELIGIONÁRIO II- Pode ser que detrás desse intuito de unificação haja o plano de domínio.

ANA JANSEN- Não sou abobalhada, vamos ver o que ele faz.

IZIDORO- Concordo com mamãe, só conhecemos um possível inimigo se o trazemos ao nosso convívio.

CORRELIGIONÁRIO II- Como sempre, Donana tem razão. *(Entra Romena)*

ROMENA- Sinh'ana, o moço 'tá aí com mais uns.

IZIDORO - Mais uns?

ANA JANSEN- Mandei dizer pra vir sozinho. Faz entrar.

CÂNDIDO MENDES- *(Entra com uns homens)* Aqui estamos.

IZIDORO- O negro não lhe disse que viesse só?

CÂNDIDO MENDES- Seria um risco muito grande acreditar em segurança dentro desta casa.

ANA JANSEN- Ninguém é canibal.

CÂNDIDO MENDES- Meu corpo ainda se ressentido de um ato de vandalismo e intolerância perpetrado sob suas ordens.

ANA JANSEN- Não me arrependo, quem mandou escrever o que não era da tua conta?

CÂNDIDO MENDES- A minha consciência.

ANA JANSEN- É? E quanto é que ela vale, hem?

CÂNDIDO MENDES- Nenhum dinheiro roubado. *(Ela o esbofeteia, Artemísio entra com os homens)*

CÂNDIDO MENDES- Não te faz de rogado, que eu te conheço. Como resgatarás a dívida que tens com Antunes?

CÂNDIDO MEMDES- Meus problemas pessoais não lhe dizem respeito. Vim só para constatar aonde iria tanta sordidez.

ANA JANSEN- Deixa de ser besta, seu bastardo.

CÂNDIDO MENDES- Não tanto quanto alguns de seus filhos. *(Novamente esbofeteado)*

ANA JANSEN- Fora, cachorro.

CÂNDIDO MENDES- A sua fortuna não compra tudo.

ANA JANSEN- Isso é o que tu vai ver. *(Ela sai)*

CORRELIGIONÁRIO I- Só acabando de vez, Donana.

ANA JANSEN- A falta dele ia ser sentida, aí o povo descobria que tinha sido a gente.

IZIDORO- O mal é que não se pode mandar matar esses jornalistas assim, despertam muita atenção.

CORRELIGIONÁRIO II- A não ser que invertêssemos a situação.

ANA JANSEN- Como?

CORRELIGIONÁRIO II- Oferecendo propinas aos credores dele.

ANA JANSEN- Não é mal, tu te encarrega, Izidoro. Temos de cercar esse cretino. *(Entra Romena)*

ROMENA- Licença, Sinh'ana. Um negrinho veio deixar esse pacote pra Sinh'ana.

IZIDORO- De quem era ele, Romena?

ROMENA- Disse não, Coronel.

ANA JANSEN- Tá com cheiro de servergonhice. Abre.

IZIDORO- Tem um formato esquisito, o que pode ser... um penico ...

ANA JANSEN- Penico ...?

IZIDORO- Que absurdo, mamãe! Veja.

ANA JANSEN- Eu mato o filho de égua que fez isso! Tem o meu retrato bem no lugar onde a bosta cai.

CORRELIGIONÁRIO I- É inadmissível tanto insulto!

CORRELIGIONÁRIO II- Merecem uma exemplação à altura.

ANA JANSEN- Geodésio! *(O escravo entra)* Tu já viu algum penico desse aí pela cidade?

ESCRAVO V-- Sim senhora, Donana.

IZIDORO- Onde?

ESCRAVO V- Na venda do Salomão, agregado do Comendador.

ANA JANSEN- Só podia ser coisa desse acabado.

CORRELIGIONÁRIO I- Não se dá conta de ser ridículo, não só erguirá aquele partidinho.

ANA JANSEN- Reúne os homens. Vou descansar.

CORRELIGIONÁRIO I- Vamos tentar traçar algum esquema. *(Saem)*

ANA JANSEN- Ele me paga. *(Quebra o penico. Saem. Deslocamento de ação para um dos compartimentos do plano superior. Venda de Salomão)*

SALOMÃO- O Comendador quer que a gente venda todos.

VENDEDOR I- Pode deixar, se pode fazer até um chamativo pro povo: “Cague na cara de Ana Jansen! “

VENDEDOR II- Mas cuidado, que o tortulho pode fugir arrepiado! *(Risos)* **SALOMÃO-** Pode gritar bem alto, depois o Comendador dá dinheiro pra tiquira. *(Entra um comprador)*

COMPRADOR I- O que tem de novidade aí, companheiro?

VENDEDOR I- Coisas muito interessantes, veja.

COMPRADOR I- Pra que eu vou querer penico, companheiro?

VENDEDOR I- Ora, amigo, pra verter líquido, pra ...

VENDEDOR II- É de porcelana inglesa com uma agradável surpresa no fundo.

COMPRADOR I- É Ana Jansen...!?

VENDEDOR I- Ah, e então?

COMPRADOR I- Levo três.

VENDEDOR I- É a primeira vez na história universal que pobre senta a bunda na cara de rico, aproveite, companheiro. *(Sai o comprador I)*

VENDEDOR II- Que saída maravilhosa, todo o mundo vem comprar.

VENDEDOR II- O Comendador vai explodir de alegria. *(Entra o comprador II)*

COMPRADOR I- Diz- se que tem uns urinol diferente aí?

VENDEDOR II- Diferentíssimos, amigo, como nunca se fez em lugar algum.

COMPRADOR II- Deixa ver... é uma senvergonhice.

VENDEDOR I- Por que? Ela merece.

COMPRADOR II- Uma senhora a gente respeita, Donana ...

VENDEDOR II- O senhor ... é ... é dos dela?

COMPRADOR II- Hem? Ah, não... sou não... acho até mesmo que é certo, me dá dez urinol.

VENDEDOR I- Dez? O senhor tem quantas?

COMPRADOR II- Deixe de gracejo, sô, ou lhe arrebento já a dentadura.

VENDEDOR I- Perdão, só quis perguntar quantas pessoas tinha na sua família.

COMPRADOR I- Hum, eu queria que não fosse. *(Sai. Entram Salomão e o Comendador)*

SALOMÃO- Como está a venda?

VENDEDOR II- De vento em popa, restam bem poucos.

COMENDADOR- Quero que saiam todos, abaxem o preço.

SALOMÃO- Mas, Comendador, é louça fina, porcelana.

COMENDADOR- Não importa, quero é que a cidade saiba. Ela me paga aquelas pedradas lá em casa, quebrou-me a cabeça.

SALOMÃO- Vai sair como água, não se preocupe. *(Entra Afonso)*

COMENDADOR- Sabia que virias buscar o teu, Afonso.

AFONSO- Quero o que tiver a melhor estampa daquela mulher.

COMENDADOR- Vai escolher, Salomão, vamos ajuda-lo.

COMENDADOR- Toma, te vingá, Afonso. *(Ele urina no penico, rindo histericamente. Mudança de luz. Ação na casa de Ana Jansen)*

ARTEMÍSIO- Hoje de noite, os negros vão dançar o terecô, Donana.

ANA JANSEN- Aí se tira a limpo, quero ver se eles ainda tão com essa história de encantamento. Mando descer o chicote.

ARTEMÍSIO- Não tem muito penico mais não, Donana.

ANA JANSEN- Ele pensa que pode comigo, 'tá é muito besta mesmo. *(Saem. Mudança de luz. Entra um grupo de negros, acendem uma vela no centro do palco, rufam os ata baques, começam a dançar)*

TINOCO- PRETO- VELHO- Que Oxossi nos dê luz! *(Os outras batem palmas três vezes)*

ESCRAVO VI- *(Cantando)* São Jorge nos ilumine,

neste terreiro ele pula, pra fastar de Nhá Jança a fera da besta mula.

(Os outros repetem os dois últimos versos)

TINOCO- PRETO- VELHO- Que Oxossi nos dê luz! *(Palmas)*

ESCRAVO VI- *(Cantando)* Iansã, Oxossi e Ogun no seu cavalo montado vão dar proteção à Nhá Jança da ira deste encantado. *(Repetem os dois últimos versos. Dançam. Ana Jansen e Artemísio entram, portam-se como se não estivessem sendo notados)*

ARTEMÍSIO- Estão na feitiçaria com o negócio da mula- sem- cabeça, Donana.

ANA JANSEN- Era o que me faltava. Santa Severa.

ARTEMÍSIO- Mando baixar orelha?

ANA JANSEN- Espera um bocado, os coitados nem ‘tão me desejando mal. Mas é preciso dar o exemplo, chega de tanta palhaçada. *(Aproxima-se do grupo)*

TINOCO- PRETO- VELHO- São Jorge nos livre da mula-sem-cab ...

ANA JANSEN- Que pajelança é essa, hem, seus negro doido? *(Os negros ficam estáticos)*
Vai todo mundo pro tronco em Itamaracá. *(Choram)*

ARTEMÍSIO- Vocês não respeitam? Donana não tem encantado nenhum. Vocês merecem surra e salgadeira. *(Entra Romena)*

TINOCO- PRETO- VELHO- *(Chorando)* Tem dó dos preto, Sinh’ana, nós só queria bem de sua alma santa.

ANA JANSEN- Deixa de enfeitar muito, Tinoco.

ROMENA- Não mande bater no meu povo, Sinh’ana, por tudo de lealdade que lhe fiz no tempo de moça.

ARTEMÍSIO- Não vá atrás de uma negra velha, Donana.

ANA JANSEN- Cala a boca e mais respeito com Romena.

ARTEMÍSIO- Me perdoe.

ANA JANSEN- Não se meta a me dizer o que devo fazer. *(Os negros continuam chorando)*
Para com este agouro, que choradeira quizilhenta!

ROMENA- Mande sorrir eles não, Sinh’ana.

ANA JANSEN- Todos não, só o negro que ‘tava cantando. Não quero escutar nunca mais zoada de tambor por aqui. Me faz danada essa invenção de mula. O resto vai dormir.

TINOCO- PRETO- VELHO- Oxossi lhe dê saúde, Sinh’ana. *(Saem. Casa de Ana Jansen. Entra Izidoro)*

IZIDORO- Foram todos comprados, mamãe.

ANA JANSEN- Que boa notícia, agora ele vai ver o que acontece com quem se mete a me atrapalhar.

IZIDORO- O plano foi perfeito. Tragam os penicos. *(Entram os compradores I e II)* É um idiota o Meireles.

ANA JANSEN- E o cavalo pensando que o povo era que comprava. Comigo ninguém brinca.

IZIDORO- Que faremos agora?

ANA JANSEN- Diz pros escravos fazerem o que a bunda deles quiser aí dentro desses penicos e depois manda eles pra quebrar tudo na porta do Meireles. **IZIDORO-** Ah, mamãe, eu te adoro, ninguém que te provoque.

ANA JANSEN- Ninguém que provoque os Jansen, meu filho. O Maranhão é desta velha tua mãe.

IZIDORO- Mamãe, Anastácio me parece querer casar- se com a D. Eugênia de Azevedo.

ANA JANSEN- O quê? Filho meu não casa com aquilo, burra que só a peste.

IZIDORO- Ele só quer uma esposa.

ANA JANSEN- Então que procure uma mulher, não uma coisa que não sabe fazer nada.

IZIDORO- Ela deve saber bordar, cozinhar, cuidar de criança.

ANA JANSEN- Pra isso existe escrava. Tu sabe que eu sempre fui contra essa pasmaceira, por isto me meti na política. Não mandei Anastácio à Europa pra depois se casar com qualquer besta só porque tem uma cara enfeitada.

IZIDORO- É uma moça de bem, mamãe.

ANA JANSEN- Com ela, ele não se casa e está acabado. *(Entra Elídio)*

ELÍDIO - Vovozinha, deixa eu tirar esse fofão zuadento, faz tanto calor, os negrinhos todos caçoam de mim.

ANA JANSEN- Está bem, fedelho da vó, pode tirar, mas tem uma coisa: não torna a me desobedecer.

- Nunca mais, vovó.

ELÍDIO - Vai, menino.

IZIDORO- E a eleição?

IZIDORO- Ando preocupado, Franco de Sá não me inspira confiança e este povo não sabe votar.

ANA JANSEN- Não sabe? Se ensina a cacete. *(Entra Cunha Santos, apressado e aflito para resolver problema comercial)*

CUNHA SANTOS- Com licença. Donana, já é do seu conhecimento?

IZIDORO- O que aconteceu, homem?

ANA JANSEN - Só uma novena pra Santa Severa ...!

CUNHA SANTOS- Ela parece que vai ser muito severa com a gente mesmo, Donana.

ANA JANSEN- Respeite minha santa, siô, o que foi?

CUNHA SANTOS- Oh, não quis ofender sua devoção, Donana!É que estão falando em instalar uma tal de Companhia de Águas do Rio Anil.

IZIDORO- Sendo verdade, ninguém mais comprará água de nossas pipas, mamãe

CUNHA SANTOS- Exatamente!

ANA JANSEN - Isso foi invenção de quem, prezado sócio?

CUNHA SANTOS- De um tal Dr. Raimundo Teixeira Mendes, engenheiro formado na Europa...!

ANA JANSEN- Teixeira Mendes...? Comigo ele vai ver que peixeira fende! Se avexe não,

Cunha Santos. Tentaram de um tudo pra nada me derrubar, iche! Mas continuo aqui...!

CUNHA SANTOS- Donana, dizem que o Imperador vai se meter também.

ANA JANSEN- Esse aí dá ordem é lá pra baixo, lá na Corte! Aqui mando eu. Se avexe não! São Luís vai continuar bebendo é água de pipa, tirada da minha fonte.

IZIDORO- O que a senhora está planejando?

ANA JANSEN- Nada ainda. Santa Severa sempre me ajuda, meu filho!

CUNHA SANTOS- Donana, não se esqueça de que a nossa sociedade corre perigo.

ANA JANSEN- Se avexe, não, siô, já não lhe disse?

CUNHA SANTOS- Desculpe- me, creio que a senhora entende a minha preocupação.

ANA JANSEN- Foi só por isto que te deixei de sócio no negócio de água, Cunha Santos, por causa da tua ambição. Come um pedaço de macaxeira e fica sossegado.

CUNHA SANTOS- Infelizmente não me é possível, Donana, tenho de fechar o armazém.
(*Entra Romena, assustada*)

ROMENA- Sinh'ana, Sinh'ana, ele se foi fugido, Sinh'ana!

IZIDORO- Quem, Romena?

ROMENA- Maneco meu neto. Não quero ele longe de mim que sou vó dele, Sinh'ana.

ANA JANSEN- Te acalma, tu não tem mais idade de perder a paciência, Artemísio, hú, Artemísio! (*Ele entra*) Maneco fugiu, vai no rastro dele, mas traz sem um arranhão.

ROMENA- A Santinha Severa há de ser sempre boa com Sinh'ana.

ANA JANSEN- Anda, vai cuidar da comida, o moleque vai ser achado e surrado pra não fugir de novo. Não vendo ele não.

ROMENA- Sua alma fique sempre na luz, Sinh'ana. (*Ajoelha-se para beijar-lhe os pés*)

ANA JANSEN- Iche, pára com isto, Romena. (*Sai a escrava*)

CUNHA SANTOS- Está em minha hora, Donana. Passar bem, Coronel. (*Sai. Entra Geodésio, escravo V*)

ESCRAVO- Licença, Sinh'ana. Tem um velho encachaçado aí fora no maior berreiro.

ANA JANSEN- Algum vadio desgraçado. (*Ouve- se a voz embriagada de Afonso: "Tu vais cair, matrona! Eu te odeio caninana! Desloca- se para um dos lados do palco, como se estivesse a uma janela*) petulante. Só podia ser esse resto de gente.

IZIDORO- É um absurdo, mamãe!

ESCRAVO V- Ele apareceu faz muito tempo não na cidade, por onde arreja a cangalha é gritando contra Sinh'ana.

IZIDORO- Vamos dar uma liçãozinha nele, Geodésio.

ANA JANSEN- Não... (*Ouve- se novamente: "Eu te odeio, caninana brava!"*)

IZIDORO- Mamãe ...

ANA JANSEN- Dá só uma carreira nele, Geodésio.

ESCRAVO V- Sim, Sinh'ana.

IZIDORO- Mamãe ...

Só uma carreira. (*O escravo sai*)

IZIDORO- Por que tanta benevolência com um velho desbocado? Veio aqui nos insultar.

ANA JANSEN- É um pobre diabo.

IZIDORO- Considero estranho vê-la agir assim, ignorando o efeito político que pode ter tal desagravo.

ANA JANSEN- Não gosto de ninguém me dando conselho.

IZIDORO- É que achei estranho ...

ANA JANSEN- Deixa de insistir, menino. Coisa de mulher, te mete não. (*Mudança de luz. Tipografia. Entra Sotero dos Reis, às gargalhadas*)

SOTERO DOS REIS- Bom dia, companheiro. Tenho de admitir que esta mulher é, sob certos aspectos, admirável. Que espírito de luta!

CÂNDIDO MENDES- Que mulher, Sotero?

SOTERO DOS REIS- Dona Ana Joaquina Jansen Pereira.

CASCAIS- Estás brincando.

CÂNDIDO MENDES- Ou com febre espanhola.

SOTERO DOS REIS- Vocês não imaginam a vingança dela sobre o Meireles.

CASCAIS- O caso dos penicos?

SOTERO DOS REIS- Ela mandou os escravos encherem os penicos e quebrarem todos na porta do sobrado dele. Está uma fedentina insuportável. (*Riem*) **CASCAIS-** Espera, falaste “todos”?

SOTERO DOS REIS- Algumas dezenas, creio que a remessa inteira.

CÂNDIDO MENDES- Não!

SOTERO DOS REIS- Possivelmente, mandou os capangas comprarem os penicos como se fossem moradores quaisquer de São Luís (*Ri*)

CÂNDIDO MENDES- Inacreditável! A mulher é uma cobra.

CASCAIS- O que indica que temos de nos preparar bem, não é fácil brigar com ela.

SOTERO DOS REIS- Agora o Meireles desiste.

CÂNDIDO MENDES- Eu não.

A Companhia de Águas será instalada.

SOTERO DOS REIS- O prestígio jansenista começará a declinar, temos que espalhar a notícia antes da eleição.

CÂNDIDO MENDES- Deixa por minha conta. O povo deve saber que o poder do Imperador é maior que o dela. Conheço uns negros forros que se prestarão ao serviço. (*Saem. Entram alguns negros, afixam cartazes: “água encanada, abaixo a pipa”, “água de Ana Jansen dá doença”. Passam alguns transeuntes que são abordados pelos negros. Estes descem até a plateia*)

NEGRO I- Água de pipa tem miscróbil.

NEGRO II- A gente vai poder tomar água de cano.

NEGRO I- Companhia do Rio Anil vai chegar! (*Artemísio entra com alguns homens.*)

ARTEMÍSIO- Vem cá, negro. Vem cá!

NEGRO I- Bebe água de pipa não, meu branco.

ARTEMÍSIO- E por que não, hem, negro besta?

NEGRO I- Tem... tem... tem microbi, meu branco.

ARTEMÍSIO- Diz pra quem te mandou que pra Donana só se dá respeito, preto nojento. *(Aplica-lhe um soco, os demais correm atrás dos outros negros e arrancam os cartazes. Saem. Entram Ana Jansen, Izidoro, correligionários, Franco de Sá. Dia da eleição. Um mesário está a postos para recolher os votos. Espalhados pela platéia, Artemísio e seus homens.)*

FRANCO DE SÁ- Como tem passado, Donana? O pleito vai ser animado, não, Coronel?

IZIDORO- Está prometendo.

ANA JANSEN- É esperança nossa o povo fazer justiça.

FRANCO DE SÁ- Há de fazer, com licença.

IZIDORO- Irrita-me o ar debochado que ele tem.

ANA JANSEN- A oposição tem sempre um deboche na ponta da língua. *(O foco desloca-se até Artemísio e seus homens, que abordam o primeiro eleitor com cacetes à mão)*

ARTEMÍSIO- Chegue aqui, moço. O senhor vai votar em Franco de Sá ou no Coronel Izidoro Jansen?

ELEITOR- Não costumo falar a desconhecidos, entretanto devo-lhe informar que o voto é secreto.

ARTEMÍSIO *(Mostra-lhe a arma)* Secreto nada siô.

ELEITOR- Ainda... ainda não me decidi, cavalheiro.

ARTEMÍSIO- Não venha com essa de cavalheiro. Ninguém vem votar sem ter escolhido o candidato. *(Mostra-lhe a arma novamente)*

ELEITOR- É para votar, então, no Coronel?

ARTEMÍSIO- Do contrário, o senhor não passa do Campo de Ourique. Pode ir. *(O eleitor sobe ao palco)*

ANA JANSEN- A gente ganha, meu filho. *(Entra outro eleitor, Artemísio repete a ação, porém sem nada dizer: aquele sobe ao palco e vota. Entra Afonso)* **ARTEMÍSIO-** Chegue até cá. Vote no Coronel Izidoro Jansen. *(Mostra-lhe a arma)*

AFONSO- O quê!?! Abaixo isto, capanga infeliz.

ARTEMÍSIO- Tu morre, velho.

AFONSO- Da morte estou perto, não tenho medo de Ana Jansen. *(Corre e sobe ao palco)*

IZIDORO- Não! Este velho é eleitor!?

Viva Franco de Sá! *(Mudança de luz. Casa de Ana Jansen. Entra o correligionário)*

CORRELIGIONÁRIO I- Donana! Coronel Izidoro, o senhor é deputado, ganhamos!

ANA JANSEN- Muito bem, filho. Os Jansen nasceram, para mandar. Vou acender uma vela pra Santa Severa.

IZIDORO- Obrigado por sua ajuda, mamãe.

ANA JANSEN- Ô, Romena, traz uma garrafa de vinho. Senhor Izidoro é deputado! *(Entra Geodésio, apreensivo)*

IZIDORO- O que foi, Geodésio? Beberás também à minha vitória.

ESCRAVO V- É notícia ruim.

ANA JANSEN - O que foi?

ESCRAVO V- Acabei de saber que os homens terminaram uns tanques lá da Companhia e os canos vão funcionar.

ANA JANSEN- Era o que faltava pra estragar nossa alegria. *(Entra Artemísio)*

ARTEMÍSIO- Licença, Donana. Se teve de matar um homem, um velho atrevido, soube depois que se chamava Afonso.

ANA JANSEN- Quero ficar só. Sai todo mundo.

IZIDORO- Mamãe ...

ANA JANSEN- Sai. Depois digo o que fazer, Geodésio. *(Saem)* Mando botar um gato podre dentro do tanque. Vou continuar Rainha do Maranhão, Afonso! *(Mudança de luz. Sai. Entram os aguadeiros. Uma rua da cidade. Apregoam a mercadoria: “Água da fonte de Donana Jansen, limpinha, com gosto bom! Vinte réis!”)*

São Luís do Maranhão 19- 08- 1980.